

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO” FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS DE BAURU**

**BEHAVIORISMO RADICAL E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UMA
CARACTERIZAÇÃO LITERÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

Matheus Almeida da Silva Velho

Orientador: Prof. Dr. Jair Lopes Junior

Dissertação apresentada à banca como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

**Bauru
2021**

MATHEUS ALMEIDA DA SILVA VELHO

**BEHAVIORISMO RADICAL E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UMA
CARACTERIZAÇÃO LITERÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

Matheus Almeida da Silva Velho

Orientador: Prof. Dr. Jair Lopes Junior

Dissertação apresentada à banca como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

**Bauru
2021**

V436b

Velho, Matheus Almeida da Silva

Behaviorismo radical e análise do comportamento : Uma caracterização literária e suas implicações para o ensino / Matheus Almeida da Silva Velho. -- Bauru, 2021

64 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientador: Jair Lopes Junior

1. Comportamento humano. 2. Erros científicos. 3. Sistemas de ensino. 4. Avaliação de comportamento. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MATHEUS ALMEIDA DA SILVA VELHO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU

Aos 26 dias do mês de novembro do ano de 2021, às 09:00 horas, no(a) Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MATHEUS ALMEIDA DA SILVA VELHO intitulada BEHAVIORISMO RADICAL E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UMA CARACTERIZAÇÃO LITERÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. JAIR LOPES JUNIOR (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESPCampus de Bauru, Profa. Dra. MARIA ESTER RODRIGUES (Participação Virtual) do(a) Centro de Educação, Comunicação e Artes, Colegiado de Pedagogia e Mestrado em Educação / Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Prof. Dr. EDSON MELLO DA SILVA (Participação Virtual) do(a) -. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. JAIR LOPES JUNIOR

Aos meus pais, por todo amor, carinho, compreensão,
companheirismo e suporte durante esta jornada.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marcos Tadeu e Adriana, por todo empenho para fazer este sonho se tornar realidade. Desde o momento de candidatura à vaga e nos momentos mais turbulentos, acreditaram e investiram forças, tempo e disposição para me ajudar.

Aos meus amigos de longa data, que me apoiaram neste desafio e tornaram o processo menos difícil. E aos meus novos amigos, que fiz nessa mudança para Bauru, sem os quais os dias teriam sido muito mais longos e monótonos.

Ao professor Jair Lopes Junior. Meu orientador, não apenas na produção acadêmica deste texto, mas em um local completamente novo para um carioca. Obrigado pelo acolhimento no grupo de pesquisa, pelas oportunidades de contato com o ambiente acadêmico da UNESP, pelo respeito às minhas ideias e, mesmo diante de todos os contratemplos, acreditar e confiar no meu trabalho.

A professora Maria Ester Rodrigues, membro da minha banca de qualificação e defesa. Profissional que sempre admirei pela leitura das obras, inspirações para o tema de pesquisa e que prontamente aceitou enriquecer este trabalho com suas contribuições.

Ao professor Kester Carrara, membro da minha banca de qualificação e que infelizmente não pôde compor a banca de defesa, o que não impediu de ser fundamental para os rumos finais desta pesquisa. Gratidão pelo acolhimento em Bauru, abrindo as portas do GEPEDEC e sempre solícito às minhas dúvidas ou ponderações.

Ao professor Edson Mello, que plantou uma semente de curiosidade sobre Análise do Comportamento em um jovem aluno de psicologia, e viu de perto alguns frutos nascendo. Meu muito obrigado, de coração, por todo o auxílio desde a minha graduação. Debates, viagens acadêmicas, projetos de pesquisa, grupos de estudos, são tantas oportunidades e momentos que não consigo mensurar, apenas agradecer.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Aos profissionais que cuidaram da minha saúde, mental e física, durante o turbilhão de oscilações que fazem parte da jornada.

A Stella, minha companheira, que em pouco tempo fez de tudo para que este momento fosse possível. Quis a vida que a gente partilhasse uma parte desse desafio, e fico muito feliz por isso.

A todos que compartilharam comigo da angústia de um confinamento forçado, com suas dúvidas e anseios, buscando se amparar mesmos distantes. Viver uma pandemia nunca é o plano, mas diante das contingências nos coube ajustar os comportamentos.

VELHO, M. A. S. da. **Behaviorismo Radical e Análise do Comportamento:** Uma caracterização literária e suas implicações para o ensino. 2021. 64f, Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2021.

Resumo:

Baseado em determinantes historicamente investigados na literatura, o presente trabalho buscou produzir uma relação entre obras que abordassem o tema de equívocos, más compreensões, mitos ou discordâncias acerca da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical, com a dimensão do ensino e suas possíveis implicações. Partindo de um levantamento bibliográfico foram definidas duas categorias de análise baseadas nas estratégias metodológicas dos textos: literatura discursiva e literatura empírica. Esta divisão foi confeccionada a partir de uma adaptação da estratégia metodológica do PICT (*Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto*) e norteou a investigação produzida, apresentando os pontos principais de cada obra selecionada e as possíveis convergências entre elas, bem como seus apontamentos sobre o ensino. Diante dos dados obtidos se buscou identificar quais impactos esta literatura apresentou na produção de planejamentos de ensino-aprendizagem na área comportamental e seu alcance no que tange a resolução da própria questão dos equívocos, mitos ou discordâncias. Neste ínterim, as análises demonstraram baixíssimas articulações pragmáticas para intervir sobre o problema apresentado, ou elementos que promovessem uma instrumentalização dos dados obtidos pelos autores para a área de ensino, indicando que talvez seja necessário a produção de uma nova perspectiva para guiar as pesquisas futuras na área. Mediante a isso, buscou-se produzir hipóteses que possam contribuir na construção desses rumos, trazendo uma articulação que envolva o vasto acervo da literatura sobre equívocos, as contribuições analítico-comportamentais e seus aportes com o ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: análise do comportamento; behaviorismo radical; ensino; equívocos; má compreensão; mitos; discordâncias.

Abstract:

Using historical facts proven by literature, this paper has tried to create a connection between titles that tackle misconceptions, misunderstanding, myths or disagreements about Behavior Analysis and Radical Behaviorism, taking into account learning and its possible implications. Starting from a look through bibliographies two analytics categories were defined from the methodologic strategies of the titles: discursive literature and empirical literature. This division was thought out considering an adaptation of the methodological strategy of a conceptual interpretation procedure of research and was the leading point of the objective of investigation, introducing the main points of each selected title and the possible convergencies between them, as well as their findings about teaching. From the obtained data it was identified which impacts this literature has showed on the production of learning-teaching planning on the behavior field and its reach on the resolution of the question itself regarding misconceptions, myths or disagreements. Regarding this, the analyses have pointed out extremely low pragmatical articulacy that is able to intervene on the issue at hand, or elements who could promote an use of data obtained by authors of the field for the teaching environment, indicating a possible need for the production of new perspectives to guide further researches. With this on mind, there was an attempt to create hypothesis that may contribute to the construction of these new possibilities, bringing life to a dialogue that encompass the vast amount of literature about these misconceptions, the analytical-behavioral contributions and its offerings as learning-teaching.

Key words: behavior analysis; radical behaviorism; teaching; misconceptions; misunderstanding; myths; disagreements.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Listagem cronológica da literatura completa	17
Quadro 2 – Listagem cronológica da literatura discursiva	18
Quadro 3 – Listagem cronológica da literatura empírica	27

SUMÁRIO

Introdução	8
Método	17
Resultados	20
- Descrição	20
- Seção I - Análise das obras com abordagens metodológicas discursivas	21
- Seção II - Análise das obras com abordagens metodológicas empíricas	30
Conclusões	48
Referências	57

INTRODUÇÃO

O modelo de gestão apresentado pela graduação em Psicologia no Brasil apresenta algumas características e perfis de formação que podem ser traçados de acordo com a composição do corpo docente atual, assim como pela tradição e histórico de pesquisa/ensino de determinada região ou Estado (VILELA, 2012). Estes componentes puderam ser identificados pelo autor desta dissertação de maneira empírica, primeiramente pela vivência do trajeto acadêmico de graduação realizado no Rio de Janeiro (em uma universidade pública do Estado) e posteriormente com o ingresso no programa de pós-graduação no interior de São Paulo (novamente em uma universidade pública). Além disso, entre a finalização formal da graduação e o início da pós-graduação, houve contatos esporádicos com universidades paulistas por meio de eventos acadêmicos (simpósios, defesa de tese, Jornadas de Análise do Comportamento) e participação virtual em um grupo de pesquisa denominado GEPEDEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Delineamentos Culturais.

Utilizando estas experiências como exemplos comparativos, verifica-se que apesar de muito próximos geograficamente, estes dois estados possuem tradições e direcionamentos de pesquisa em Psicologia bastante distintos (SOARES, 2010). Outras evidências atuais estão relacionadas às ofertas de especialização (Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, ou cursos de especialização vinculados a outras instituições, mesmo que particulares) e até pela distribuição de recursos dentro das Universidades (existência de laboratórios, grupos de estudos, projetos de extensão, monitoria, iniciação científica, etc.) de acordo com determinados referenciais teóricos.

Apesar de se tratar de duas instituições públicas que possuem excelentes notas nos indicadores de qualidade do ensino do Ministério da Educação (Conceito ENADE, IDD, Conceito do Curso, etc), projetos de pesquisa com destaque nacional/internacional (altos indicadores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* pela Capes), e corpo docente gabaritado nos principais polos de formação e pesquisa do país, fica nítida a diferença de apostas na construção das etapas pedagógicas de formação. Evidencia-se esta diferenciação em uma breve análise das ementas e fluxogramas dos cursos de cada instituição, atentando para a presença de pré-requisitos entre as disciplinas, quantidade de carga horária obrigatória de disciplinas optativas ou eletivas e a existência de disciplinas de ênfase vinculadas aos estágios obrigatórios. Somado a isso, há indícios que privilegiam (ou desfavorecem) determinadas teorias dentro da formação, como a existência (ou não) de disciplinas básicas que abordem

determinados referenciais teóricos e suas dimensões filosóficas, aplicadas ou experimentais, a composição do corpo docente focado em algumas especialidades teóricas restritas e pela disponibilidade de estágios centrados nessas especialidades em detrimento de outras.

Tomando como temática central deste trabalho o referencial filosófico do Behaviorismo Radical e a ciência vinculada a ele, a Análise do Comportamento, é importante discriminar alguns pontos distintos entre esses termos. Além disso, é necessário reconhecer como este campo de conhecimento traz consigo todo um histórico aversivo e polêmico vinculado ao que se entende por comportamentalismo ou behaviorismo, devido as suas raízes empiristas que buscaram contrapor as principais correntes psicológicas no início do século XX, como as centradas no introspeccionismo wundtiano (MARX e HILLIX, 1973).

Tendo início com a proposta de John B. Watson e seu “manifesto behaviorista”, o behaviorismo inaugura um caminho singular de estudo na psicologia (WATSON, 1913), onde o comportamento passa a ser tomado como objeto fundamental de estudo, fazendo com que qualquer articulação com explicações mentalistas seja rechaçada pelo autor promovendo um rompimento com àqueles que o antecederam (MARX e HILLIX, 1973). Watson busca nos estudos de Ivan Pavlov um aporte experimental que servirá como fio condutor, atrelado a sua análise, para elaboração do que ficou conhecido como Behaviorismo Clássico (WATSON, 1913). Neste desenvolvimento se utiliza do conceito de comportamento reflexo, peça-chave de sua teoria e que vai permear toda sua abordagem, atrelado ao processo de aprendizagem baseado no emparelhamento de estímulos (TODOROV, 2002). Além disso, Watson e Pavlov em suas obras se utilizam de pressupostos que propõem uma continuidade entre o comportamento animal e o comportamento humano, algo que foi mantido e aprimorado em toda a prática experimental posterior na área comportamental. Tal paralelo possui grande inserção na proposta behaviorista, fato que ajudou em sua legitimação científica e aproximação com as ciências naturais, porém se tornou um tópico clássico de divergência entre ela e outros referenciais filosóficos na psicologia (CARRARA, 2005).

Inicialmente as propostas de Watson, bem como todo o behaviorismo, sofreram duras acusações que variaram de simplista, mecanicista, positivista, incluindo a alcunha de reducionista. Todavia é fundamental compreender que, como toda abordagem filosófica, o behaviorismo passou por reformulações e mudanças paradigmáticas, onde o principal expoente está em B. F. Skinner (TOURINHO, 2010). Em sua teoria é importante frisar o desenvolvimento do conceito de operante, primeiro por sua centralidade na abordagem e,

segundo, por sua constante progressão ao longo de seus escritos (TODOROV, 2002). A priori sua definição é baseada em um agrupamento por exclusão, onde todo comportamento que não seja respondente, por consequência, será operante (SKINNER, 1938). Porém ao longo do tempo essa proposta apresentou uma fragilidade conceitual por não delimitar propriamente o que se entendia como comportamento operante, levando assim a um aprofundamento no livro *Verbal Behavior* (SKINNER, 1957). Nesta obra o conceito de comportamento operante é definido como aquele que opera no ambiente, ou seja, que produz consequências nele e está sensível a elas, alterando assim o paradigma respondente S-R (estímulo antecedente elicia uma resposta) para um paradigma operante R-S (uma resposta emitida evoca uma consequência).

Esse modelo skinneriano acabou ampliando suas contribuições à Psicologia, agora não apenas se restringindo a uma filosofia do comportamento, mas também apresentando contribuições importantes para todo um saber científico em questões como: natureza de análise, produção acadêmica e legitimação dos dados coletados, fazendo com que se possa falar sobre uma elaboração de uma filosofia científica do comportamento (MICHELETTO, 1997). Skinner pautou sua busca constantemente em um projeto que fugisse de explicações mentalistas, as quais julgava muitas vezes tautológicas ou pouco explicativas, aproximando-o de um alinhamento às ciências naturais, todavia sem recair no que caracterizou como behaviorismo metodológico (SKINNER, 1974). Devido a tantas reformulações e contribuições teóricas o autor passa a ser referenciado como o idealizador daquilo que conhecemos como Behaviorismo Radical, o qual serviu de base filosófica para a Análise do Comportamento (MATOS, 1997).

Analisando o que se compreende por Análise do Comportamento é importantíssimo pontuar seus três pilares básicos (TOURINHO, 1999). Este arcabouço de estudo consiste em uma articulação entre subáreas interligadas compostas pelos saberes conceituais filosóficos, empíricos e aplicados, sendo o primeiro referente ao Behaviorismo Radical de Skinner, o segundo a Análise Experimental do Comportamento e o último pela Análise Aplicada do Comportamento (NETO, 2002). Porém é importante frisar qual a forma que estes três campos interagem, pois como alertam Todorov e Hanna (2010), supor a imagem de um triângulo em que todos os vértices se comunicam em via de mão dupla tem se mostrado problemático, principalmente relacionado às extrapolações teóricas diretamente para a prática, sem nenhum subsídio experimental. Sendo assim, os autores propõem uma imagem que se assemelharia mais a um V invertido, onde o topo seria preenchido pela base filosófica (Behaviorismo Radical), uma das pontas pela Análise Experimental do Comportamento e a outra pela Análise Aplicada do Comportamento, as quais podem ter uma relação intercambiável com o topo. Tal

organização visa evitar extrapolações experimentais para o campo aplicado sem o devido crivo de referencial teórico, permitindo assim uma construção adequada de cada campo sem desvios que descaracterizem aquilo que se entende como ciência do comportamento (CARRARA, 2005).

O vértice central definido pelo Behaviorismo Radical, no que tange seus fundamentos, acompanha todas as reestruturações teóricas ao longo da história do behaviorismo. Afinal, como já foi apontado anteriormente, conceitos como comportamento operante, contingências de reforço, seleção por consequências, acabam por ser cunhados ou reformulados de maneira a mudar significativamente o contexto teórico que estão inseridos (DE SOUZA, 2000; TODOROV, 2002). Tal mudança se faz necessária apontar, principalmente pelo local de destaque designado a base filosófica, fazendo com que a sua alteração possa provocar reorganizações em todos os outros pontos que compõe a Análise do Comportamento (TODOROV e HANNA, 2010).

Paralelamente a Análise Experimental do Comportamento é responsável por produzir dados empíricos que sustentem as proposições realizadas pela subárea teórica (NETO, 2002). Buscando elaborar propostas com o maior controle de variáveis possível, o uso da experimentação em animais não humanos em laboratório na Análise do Comportamento é comum, tendo em vista também que o repertório comportamental destes organismos é mais simples. É importante ressaltar que essa forma de experimentos se sustenta pela manutenção da estrutura de leis que regem o comportamento, pois independente do grau de complexidade existente entre as espécies estudadas, todas respeitam esses pressupostos elaborados pela observação empírica do comportamento (VELASCO; GARCIA-MIJARES; TOMANARI, 2010).

Por fim, a Análise Aplicada do Comportamento é responsável pelo desenvolvimento de tecnologias comportamentais e questões ligadas aos problemas da vida cotidiana (TODOROV, 2002). Ela apresenta um papel fundamental na nutrição dos outros campos, principalmente por estar em contato direto com o “mundo real”, fazendo com que o experimento laboratorial não abandone este direcionamento e fique encerrado nele mesmo na forma de idealismos. Para além disso, reitera o compromisso social de todo estudo acadêmico, ou seja, alerta para a produção de práticas que contribuam para áreas além da academia, justificando sua existência como um todo.

É inevitável apontar aquilo que se compreende como Análise do Comportamento sem abordar os impactos desta área, e do behaviorismo como um todo, na Psicologia. Sendo assim, apesar de extremamente relevante como um pontapé inicial, os primeiros escritos de Watson além de conter ideias que divergiam do pensamento tradicional sobre Psicologia, faziam duras críticas a esse modelo em voga (ARDILA, 2013). Esta maneira crítica e provocativa, somada às propostas conceituais que visavam sustentar uma aproximação da Psicologia com as ciências naturais, colocaram uma série de conflitos, más compreensões e críticas equivocadas na trajetória deste referencial teórico e daquilo que viria a ser a Análise do Comportamento.

Diferente de possíveis discordâncias teóricas, práticas, metodológicas e epistêmicas embasadas, como as apresentadas pelas entrevistas de Rodrigues (2011), ou autocríticas provenientes dos próprios analistas do comportamento investigados nesta dissertação (MORRIS, 1985, FOXX, 1996, CARRARA, 2005), há um conjunto particular de críticas ao qual a literatura veio buscando definir. Dentro das possíveis nomenclaturas utilizadas, o presente trabalho assume que “equivocos” ou “más compreensões” consistiriam em asserções interpretativas que qualificam ou adjetivam uma mediação teórica (Behaviorismo Radical) e/ou uma proposta de ciência do comportamento (Análise do Comportamento) desprovida de evidência textual suficientemente capaz de validar tal interpretação (ARNTZEN; LOKKE; LOKKE e EILERTSEN, 2010). Sendo que, de modo complementar, o acervo literário do objeto da crítica (Behaviorismo Radical ou Análise do Comportamento) sustenta evidências em nítida contradição com o conteúdo de tais asserções. Ou seja, são consideradas como equivocados as críticas desprovidas de maior sustentação e que não resistam a um exame mais aprofundado da teoria (RODRIGUES, 2006). De forma complementar a esta definição, porém com um escopo ligeiramente diferente, está o que se aponta na literatura como “mitos”/ “myths” acerca do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento. Nesse caso em particular, haveria não apenas uma dimensão negativa relacionada a uma falta de acurácia e contradição com a literatura básica criticada, mas uma dimensão positiva onde se cria uma alegoria argumentativa (mito) imputada à área criticada. Neste caso, deliberadamente se promove uma construção que desrespeita qualquer embasamento fidedigno e, tal qual os equivocados, promovem a disseminação de afirmativas errôneas no âmbito do ensino (TODD e MORRIS, 1983).

Tomando por base as distinções apresentadas anteriormente sobre cada termo, o presente trabalho buscou utilizá-los em consonância com o autor referido em cada trecho discutido ou, caso englobasse todas as nomenclaturas expostas, repeti-las diante da necessidade. Esta estratégia visou garantir a fidedignidade da análise, uma vez que poucos autores (GIOIA,

2001; RODRIGUES, 2011) em sua própria obra expuseram justificativas para o uso dos termos - equívoco, má-compreensão, mitos - na construção argumentativa. Tal fato dificulta qualquer conclusão taxativa acerca desta situação, mas traz indícios de que o refinamento conceitual veio gradualmente com as pesquisas na área.

Além disso, é importante frisar que estes equívocos e mitos escapam de simples confusões ou erros relacionados à memória, afinal é notável que alguns temas se repetiram ao longo dos anos como fonte de erratas. Tal fato, permitiu então apontar que eles não aconteciam simplesmente ao acaso ou de forma banal. Um clássico indicativo desse panorama é encontrado na década de 1950, com o famoso caso da resenha crítica feita por Chomsky ao livro *Verbal Behavior* (SKINNER, 1957), onde foram levantados apontamentos enviesados e pouco consistentes à abordagem comportamental (MacCORQUODALE, 1970; DA CRUZ, 2010). Esse e outros fatos semelhantes parecem ter sido relevantes na época ao próprio Skinner, tanto que em 1974 este autor lançava o livro *Sobre o Behaviorismo* (SKINNER, 1974) elencando uma lista de afirmações erroneamente imputadas ao behaviorismo skinneriano. Esta listagem contém itens como: “1. O Behaviorismo ignora a consciência, os sentimentos e os estados mentais; (...) 16. Desumaniza o homem; é redutor e destrói o homem enquanto homem; (...) 19. Encara as ideias abstratas, tais como moralidade e justiça, como ficções” (SKINNER, 1974, p. 7-8). A partir deles o autor discorre conceitualmente sobre diversos pontos de sua teoria, indiretamente justificando os motivos pelos quais estas afirmações estariam equivocadamente sendo atribuídas ao Behaviorismo Radical.

Todavia esse esforço inicial de exposição dos conceitos comportamentais não solucionou completamente os ataques e estes embates parecem ter se tornado recorrentes, fato que estruturou ao longo das décadas um campo de análise específico sobre esses equívocos e más compreensões (SKINNER, 1974.; MORRIS, 1985.; DEBELL & HARLESS, 1992.; CARRARA, 2005.; RODRIGUES, 2011). Essa preocupação de pesquisa se mostra relevante ainda hoje, tendo em vista que os principais tópicos sinalizados por estes autores, como a caracterização do referencial teórico como sendo positivista, mecanicista ou reducionista, permanecem registrados em obras acadêmicas (incluindo suas reedições) utilizadas nos programas de graduação e pós-graduação em Psicologia (MARX & HILLIX, 1973.; STERNBERG; 2008; STERNBERG, 2010.; STERNBERG & STERNBERG, 2017; CARPIGIANI, 2010), fazendo com que novas pesquisas se debruçassem sobre este fenômeno (CARRARA, 2005.; GIOIA, 2001.; VELHO, 2017).

Estudando este campo de análise específico sobre equívocos é possível visualizar uma preocupação antiga de pesquisa e de conhecimento comum a quem estuda sobre Behaviorismo Radical e Análise do Comportamento. Tal constatação demanda a ampliação do escopo de análise e faz emergir premissas vinculadas ao ensino que ajudem a orientar o processo de investigação. A primeira delas é de que a Análise do Comportamento e o Behaviorismo Radical fazem parte da Psicologia como um todo, trazendo contribuições legítimas a área e devem ser ensinadas com qualidade tal qual qualquer outra abordagem. Atrelado a esta premissa, pode-se concluir que se trata de uma filosofia da ciência produtiva, inovadora e que suas produções auxiliam os seres humanos em diversos campos (desde reflexões sobre o mundo, até intervenções diretas e produção de tecnologias), devendo ser reconhecida por tais contribuições positivas. Por fim, salientar uma premissa básica e lógica de qualquer projeto educacional, a de que não existe nenhuma função em ensinar algo se não for de maneira acurada, pois do contrário se estaria desperdiçando valiosos recursos (no âmbito da educação superior pública, recursos financeiros do contribuinte).

Rastreando elementos do cotidiano universitário, como a grade curricular dos cursos e as ementas formais de disciplinas ou estágios, somado aos artigos mais recentes da própria literatura sobre equívocos, ainda há um apontamento para a recorrência de distorções no ensino do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento. Este fato leva ao questionamento do real impacto e de quais possibilidades de intervenção foram promovidos por esta literatura, tendo em vista que há uma aparente falta de engajamento destas obras com a dimensão do ensino e a construção de critérios que possam contribuir para sua instrumentalização. Tal problemática aparece diretamente na ausência de planejamentos de ensino que se utilizem desses dados ou minimamente na exposição por parte dos autores de possíveis competências e habilidades relacionadas a área, fatos que podem indicar um dos fatores determinantes para a criação ou manutenção dos próprios equívocos investigados.

Levando em consideração que a definição das competências e das habilidades vinculadas aos diferentes cursos superiores no país, em nível de graduação, seja definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, aventa-se que qualquer referencial possua um conteúdo programático fidedigno a estas diretrizes. Este conteúdo está associado aos respectivos conteúdos curriculares, no âmbito dos Projetos Pedagógicos e dos Planos de Ensino dos cursos, os quais devem estar fundamentados em lastro de investigações que embasem estas propostas, bem como apresentem estratégias de atuação na formação de profissionais consistentes aos resultados obtidos. Todavia, apesar de muitos Projetos Pedagógicos almejem (ou se

intitularem) de cunho generalista, a vivência acadêmica dos alunos tende a contradizer esse protocolo formal. Sendo assim, verifica-se uma redução de oportunidades nas graduações, produzindo ambientes acadêmicos que sejam pouco tolerantes a referenciais com princípios epistemológicos, práticos ou teóricos antagônicos, tendendo sistematicamente a homogeneizar seus campos de pesquisa (SANTOS; ANACHE; SANTANA, 2015), o que conseqüentemente irá impactar no tocante do ensino/formação e constituir um outro possível determinante para o surgimento de equívocos ou incompreensões teóricas.

Outro tópico relacionado ao ensino e que pode trazer elementos determinantes para analisar a existência dos equívocos está na forma como se lidam com os conceitos da Análise do Comportamento se tratando da própria educação. A visão analítico-comportamental trabalha com uma perspectiva educativa diferenciada, onde o objeto de ensino não está nos conteúdos em si, mas no modo de atuar no mundo com estes conceitos (SKINNER, 1972). Ou seja, trata-se de um ensino voltado aos operantes relacionados a estes conceitos. Tal perspectiva coloca como ponto central de eficácia para uma intervenção educacional a resolução de questões como “o que faz quem sabe Análise do Comportamento ou |Behaviorismo Radical?”, e não apenas “quais conteúdos estão presentes no sujeito que sabe Análise do Comportamento e Behaviorismo Radical?”. Esta mudança aparentemente sutil denota um enfoque fundamental, e que está voltado ao manejo da relação entre professores e alunos. Deixa-se de abordar o planejamento de ensino como um roteiro de conteúdos sequenciais e se passa a instrumentalizar uma intervenção baseada nas ações dentro do âmbito educacional, tanto por parte dos alunos como dos professores. Todavia a literatura apresenta poucos relatos da apropriação desse modelo analítico-comportamental para o ensino dos conhecimentos próprios da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical (MEDEIROS, 1997), levantando a hipótese de que não há utilização ou que minimamente não se publicam estas intervenções. Independente de qual seja a resposta, isso evidencia uma possível negligência por parte dos analistas do comportamento e que também pode se somar aos fatores que promovem a manutenção de más-compreensões acerca do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento.

Outros determinantes atrelados aos equívocos apenas tangenciam a questão do ensino, principalmente àqueles relativos à propagação dos equívocos. A presença de referências em veículos de mídia (WANG, PEREIRA, ANDERY, 2016; AZOUBEL, ABBUD, 2017) ou em produtos da cultura em geral (WANG, PEREIRA, ANDERY, 2016), nem sempre possuem um comprometimento com a acurácia dos dados expostos. Tal problemática pode ser um fator a disseminar ou produzir equívocos, principalmente pela aparente existência de um projeto

deliberado para manutenção de uma aversão a certas áreas, sustentando a hegemonia de outras no campo da Psicologia, principalmente se valendo de processos atrelados a esteira do obscurantismo (MORSCHBACHER, 2019).

Atualmente o tema das “fake news” ganhou destaque em diversas instâncias, porém não parece ser um fenômeno inédito, principalmente se for feita a correlação de que a produção de “mitos” descrita anteriormente é particularmente semelhante a elaboração de “fake news”. Independente do fato de se tratar de um ambiente acadêmico, quando se imputa alcunhas ou assertivas que estão em desalinho com as bases de determinado referencial, é cabível classificar e aproximar tais comportamentos como os envolvidos na produção de informações falsas (“fake news”) (MORSCHBACHER, 2019). Tal movimento acaba produzindo consequências que reforçam determinados núcleos, mantendo blocos hegemônicos e cultivando uma aversão obscurantista relacionada a seus opositores (no caso particular, a Análise do Comportamento e o Behaviorismo Radical). Apesar desse determinante não demonstrar uma relação imediata com o ensino, é importante frisar que os indivíduos que deveriam possuir as competências necessárias para identificar tais informações falsas possivelmente não obtiveram esse acesso por questões que envolvem o ensino. Independente dessa negativa de acesso ter sido deliberada ou não, as consequências produzidas reverberam consonantes a um projeto obscurantista e devem ser grifadas, sob risco de ignorar um tópico relevante às produções de distorção na área comportamental (MORSCHBACHER, 2019).

Tendo em vista os determinantes levantados anteriormente, existe uma querela bastante ampla de elementos possivelmente relacionados a produção de equívocos ou mitos, inclusive alguns que sequer foram cogitados até agora na literatura ou que não estejam diretamente ligados aos tópicos de ensino-aprendizagem. Diante disso, o presente trabalho buscou realizar um levantamento bibliográfico das obras que tratam sobre equívocos, más compreensões e mitos acerca da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical, organizando cronologicamente uma exposição desse material e elaborando categorias que permitam visualizar as diferentes estratégias de investigação utilizadas nas pesquisas. Posteriormente, a partir de uma análise crítica desse acervo, foram estruturadas hipóteses que justificassem as possíveis limitações do impacto dessas obras no âmbito de ensino-aprendizagem da própria área comportamental. Buscou-se delimitar também as condições que indicam a ausência de instrumentalização de planejamentos/estratégias de ensino atreladas a estes materiais, além de argumentos que possam fornecer subsídios para possíveis mudanças relacionadas à produção e manutenção dos equívocos, más-compreensões ou mitos identificados.

MÉTODO

Baseado no objetivo central desta pesquisa e na proposta metodológica para trabalhos teóricos conceituais elaborada por Laurenti, Lopes e Araújo (2016), primeiramente foram levantadas literaturas que abordassem a temática de equívocos ou incompreensões acerca da Análise do Comportamento ou sobre seu arcabouço filosófico, o Behaviorismo Radical.

A proposta metodológica apresentada por Laurenti, Lopes e Araújo (2016), fornece inicialmente uma discussão sobre a inserção do modelo de pesquisa teórica como legitimamente pertinente ao bojo das pesquisas em Psicologia. Salienta que é fundamental uma especificidade metodológica para este tipo de trabalho, garantindo assim a validade e fidedignidade das conclusões obtidas ao longo da investigação. Para isso traz algumas definições sobre conceitos como o de teoria e interpretação, levantando possíveis caminhos para consolidar o escopo e os compromissos filosóficos de trabalhos teóricos. Todavia, há um posicionamento alinhado dos autores a uma definição de cada conceito, o qual é partilhado pelo presente trabalho. Posteriormente são apresentadas diretrizes voltadas ao procedimento empregado na construção prática das etapas de uma pesquisa teórica.

Relativo ao conceito de teoria, seria definido na psicologia como: “[...] enunciados verbais de uma teoria psicológica compõem uma trama conceitual ou uma rede de conceitos, que, espera-se, sejam articulados entre si de modo coerente e não contraditório, fornecendo uma definição e explicação dos fenômenos psicológicos” (LAURENTI, C; LOPES, C. E; ARAÚJO, S. F, 2016, p. 43). Já o conceito de interpretação estaria vinculado a uma construção de significado pautado na inter-relação das figuras do autor, leitor e texto, ou seja, não se buscaria uma interpretação mais verdadeira da obra do autor e nem se flexibilizariam interpretações pouco embasadas. Nessa definição há uma posição ativa do pesquisador teórico, que interpreta dando suas acepções ao que foi lido, porém sustentado pela bagagem textual apresentada no estudo, o que veta extrapolações errôneas, equivocadas ou distorcidas. Estas definições encaixam perfeitamente ao conceito central do presente trabalho, que é o conceito de equívoco ou má compreensão, pois apresentam semelhanças claras ao que foi exposto na seção anterior.

Outro tópico importante apresentado nessa proposta metodológica é do escopo do trabalho e de onde pode advir os esclarecimentos conceituais de um trabalho teórico. Diante das fontes apresentadas, a que mais se adequa ao levantamento textual produzido no presente trabalho foi a de uma análise histórica dos conceitos. Neste caso se toma como referência apenas a estrutura de análise, ou seja, a forma histórica de analisar a literatura levantada, afinal o

objetivo central não é analisar um conceito em si, mas o percurso de produção literária sobre equívocos e más compreensões.

Tomando a década de 70, e a obra de *Sobre o Behaviorismo* de Skinner (1974), como precursor desse movimento de elucidação sobre conceitos mal compreendidos, se iniciou uma busca cronológica até a atualidade das principais obras que propuseram investigar essa temática. O critério primário de inserção foi trabalhar diretamente com equívocos, más compreensões, distorções ou termos equivalentes, fosse de maneira empírica (aplicando algum instrumento ou questionário em uma amostra delimitada, fazendo uma comparação de desempenho ou com análises de livros-texto) ou de maneira teórica (discussões conceituais e filosóficas).

Utilizando os bancos de dados do Scielo, Google Scholar, Pubmed e Periódicos da CAPES e as seguintes palavras-chave: equívocos análise do comportamento; equívocos behaviorismo radical; mitos análise do comportamento; mitos behaviorismo radical; myths/misconceptions behaviorism - foi possível resgatar artigos e livros que abordassem o tema, apesar de internamente estes não compartilharem de uma metodologia homogênea (DEBELL & HARLESS, 1992.; CARRARA, 2005.; RODRIGUES, 2011). Além disso, foram usadas as próprias referências dos artigos como fonte indicativa de novas obras, afinal a especificidade do tema mostrou ao longo das buscas que este era um campo pouco amplo de produção acadêmica. Tal fato explica a adoção de critérios menos restritivos na escolha da literatura utilizada, tendo em vista que a quantidade era limitada e a própria diversidade metodológica se apresentou com um critério fértil ao estudo.

Posteriormente a esta etapa, os textos escolhidos foram agrupados cronologicamente em um quadro contendo o ano de publicação, autor(es/as) e título (Quadro 1), sinalizando por cores a qual tipo de publicação faziam parte (artigos, livros ou trabalhos de conclusão de curso/dissertações/teses). A partir disso, foi realizada uma leitura geral aprofundada de cada obra e se julgou pertinente uma divisão centrada na estratégia metodológica de investigação utilizadas nas obras (independente do formato de publicação), pois elas apresentavam dois modelos clássicos claramente distintos e que permitiam um agrupamento coerente. Foram divididas então em duas grandes categorias: a) obras com abordagens metodológicas discursivas; b) obras com abordagens metodológicas empíricas. Esta divisão também produziu dois novos quadros (Quadro 2 e 3), visando uma apresentação didática dos resultados.

A primeira categoria, referente as obras discursivas, é composto por textos onde as análises do tema de equívocos ou más compreensões foram feitas por meio de discussões teórico-conceituais (LAURENTI, C; LOPES, C. E; ARAÚJO, S. F, 2016). Centradas em um debate de argumentos filosóficos ou de problemas práticos, esta parte da literatura visou discursar sobre essas questões utilizando apenas ferramentas teóricas, resgatando referências literárias da área e construindo hipóteses para o problema dos equívocos.

Já a segunda categoria, composto pelos trabalhos empíricos, caracterizaram-se pela produção de dados em um modelo de pesquisa empírica. Ou seja, estas publicações se definem como uma categoria de produção textual na qual ocorreu a exposição de participantes da pesquisa à instrumentos de coleta de dados que, de modo genérico, solicitaram estimativas de concordância com asserções apresentadas, inferências sobre autorias e vinculação teórica de transcrições e de características de referenciais teóricos (MASSOLA; CROCHICK; SVARTMAN, 2016).

Estes procedimentos metodológicos de análise descritos anteriormente em etapas foram adaptados com referência a obra de Laurenti, Lopes e Araújo (2016) e ao modelo de *Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto* (PICT) apresentados por eles. Este modelo consiste em quatro etapas principais: 1) levantamento dos principais conceitos do texto; 2) caracterização das teses do texto; 3) elaboração de esquemas; 4) síntese interpretativa. Cada um desses tópicos apresenta subitens que direcionam a elaboração do processo, todavia não houve uma adoção restrita a eles, pois o escopo do presente trabalho demandou outras tarefas já descritas ou dispensava alguns itens específicos. Esta decisão de ajustar os protocolos de cada etapa foi centrada em dar uma melhor fluidez na organização, apresentação e análise dos dados, permitindo ao leitor ter um contato panorâmico com todas as obras analisadas e ao mesmo tempo ter contato com pontos mais específicos de correlações ou discussões entre estas obras com a temática do ensino, todavia se respeitou a organização geral das etapas do PICT.

RESULTADOS

Descrição

Inicialmente se buscou agrupar toda a literatura levantada, produzindo um quadro cronológico de exposição geral (Quadro 1) discriminando por cores qual tipo de texto foi incluído para análise. Os itens marcados em amarelo dizem respeito a artigos publicados em revistas, já os itens em azul são obras completas e por fim, os itens em verde são trabalhos de conclusão de curso, dissertações ou teses. Esta divisão teve apenas o caráter de facilitar a apreciação dos dados, afinal o critério de inclusão dos textos foi amplo e pautado apenas no fato das obras discorrerem sobre o tema de equívocos, más compreensões ou mitos acerca da Análise do Comportamento ou do Behaviorismo Radical.

Quadro 1 – Listagem cronológica da literatura completa.

Ano de publicação	Autor(es/as)	Título
1974	MUSGROVE, W. J.	A Scale to Measure Attitudes Toward Behavior Modification
1974	SKINNER, B. F.	Sobre o Behaviorismo
1977	WOOLFOLK, A. E.; WOOLFOLK, R. L; WILSON, G. T.	A Rose by Any Other Name...: Labeling Bias and Attitudes Toward Behavior Modification
1978	DUBNO, P. <i>et al.</i>	An Attitude toward Behavior Modification Scale
1983	DEITZ, S. M; ARRINGTON, R. L.	Factors Confusing Language Use in the Analysis of Behavior
1983	TODD, J. T; MORRIS, E. K.	Misconception and Miseducation: Presentations of Radical Behaviorism in Psychology Textbooks
1984	DE SÁ, C. P. <i>at al.</i>	O status acadêmico do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner no Estado do Rio de Janeiro.
1985	MORRIS, E. K.	Public Information, Dissemination, and Behavior Analysis
1992	DEBELL, C. S.; HARLESS, D. K.	B.F. Skinner: Myth and Misperceptions
1992	YOUSEF, J. M. S.	Arabic Students' Understanding of Skinner's Radical Behaviorism
1995	LAMAL, P. A.	College Students' Misconceptions About Behavior Analysis
1996	FOXX, R. M	Translating the Covenant: The Behavior Analyst as Ambassador and Translator
1997	FRANÇA, A. C. C.	A análise comportamental aplicada à educação: um caso de deturpação do pensamento de B. F. Skinner
2001	GIOIA, P. S	A abordagem behaviorista radical transmitida pelo livro de psicologia direcionado à formação de professores
2003	GUIMARÃES, R. P.	Deixando o preconceito de lado e entendendo o Behaviorismo Radical
2005	CARRARA, K.	Behaviorismo Radical: Crítica e Metacrítica
2006	RODRIGUES, M. E.	Behaviorismo: mitos, discordâncias, conceitos e preconceitos
2010	ARNTZEN, E.; LOKKE, J.; LOKKE, G.; EILERTSEN, D.	On Misconceptions about Behavior Analysis among University Students and Teachers
2010	DA CRUZ, R. N	Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do Behaviorismo Radical
2011	RODRIGUES, M. E.	Mitos e discordâncias – Análise de relatos de ex-analistas do comportamento
2013	PACCA, F. C	Investigação de conhecimento teórico: aceitação/rejeição ao Behaviorismo Radical entre professores
2017	AZOUBEL, M. S; ABBUD, G. M.	(Im)Posturas Jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner
2017	VELHO, M. A. S	O processo de transmissão da Análise do Comportamento e Behaviorismo Radical na graduação em Psicologia

Legenda: amarelo - artigos; azul – obras completas; verde – trabalho de conclusão de curso, dissertação ou tese.

O número total de textos utilizados foram 23, notando-se um alto índice de artigos dentro do levantamento (17) e uma janela temporal de 43 anos entre a primeira e a última publicação (1974 a 2017). Apenas dois autores aparecem mais de uma vez nessa listagem, sendo eles: Edward K. Morris e Maria E. Rodrigues.

Após a leitura de todas estas obras, elas foram divididas em duas categorias: I) “obras discursivas” e II) “obras empíricas”, para produzir uma análise que será apresentada a seguir em duas seções. Nessas seções (Seção I e II) foram elaborados novos quadros (Quadro 2 e 3) onde foram dispostas as obras em suas respectivas categoriais.

Dentro da categoria empírica foi possível identificar duas formas distintas de trabalho: a primeira foi majoritária (10 dentre 15 obras), buscou usar a aplicação de instrumentos com afirmativas e escalas de graus de concordância (likert ou verdadeiro/falso), e uma segunda, onde se estabeleceu o escrutínio de livros-texto por meio do crivo da literatura especializada em Análise do Comportamento e Behaviorismo Radical.

Naturalmente a leitura pormenorizada dos textos selecionados mostrou especificidades, mesmo dentro de cada categoria. Por este motivo se decidiu confeccionar seções especiais para cada categoria (Seção I - obras discursivas e Seção II - obras empíricas) visando que as análises destes detalhes pudessem ser expostas e por fim discutidas com maior clareza.

Seção I: Análise das obras com abordagens metodológicas discursivas.

Tomando como referência a organização da bibliografia completa apresentada no Quadro 1, abaixo são destacadas apenas as obras que compõe a categoria referente as obras discursivas, que totalizam 8 obras (Quadro 2). Segue-se a adoção das cores para distinguir o tipo de texto publicado, auxiliando assim as análises realizadas posteriormente.

Quadro 2 – Listagem cronológica da literatura discursiva.

Ano de publicação	Autor(es/as)	Título
1974	SKINNER, B. F.	Sobre o Behaviorismo
1983	DEITZ, S. M; ARRINGTON, R. L.	Factors Confusing Language Use in the Analysis of Behavior
1985	MORRIS, E. K.	Public Information, Dissemination, and Behavior Analysis
1996	FOXX, R. M	Translating the Covenant: The Behavior Analyst as Ambassador and Translator
2003	GUIMARÃES, R. P.	Deixando o preconceito de lado e entendendo o Behaviorismo Radical
2005	CARRARA, K.	Behaviorismo Radical: Crítica e Metacrítica
2006	RODRIGUES, M. E.	Behaviorismo: mitos, discordâncias, conceitos e preconceitos
2010	DA CRUZ, R. N	Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do Behaviorismo Radical

Legenda: amarelo - artigos; azul - obras completas; verde – trabalho de conclusão de curso, dissertação ou tese.

Skinner em 1974 aparentemente manifesta uma primeira preocupação com a forma como são tratados o behaviorismo e os fenômenos humanos por ele investigados. No livro *Sobre o Behaviorismo* (SKINNER, 1974), ele elenca uma lista de afirmativas comumente atribuídas ao behaviorismo e sua prática, porém, segundo o autor, sem possuir embasamento acadêmico que sustentem essa correlação. Dentro dessa lista se encontram itens como: “9 - Limita-se à previsão e ao controle do comportamento e não apreende o ser, ou a natureza essencial do homem. (...) 12 – Ele é supersimplista e ingênuo e seus fatos são ou triviais ou já bem conhecidos” (SKINNER, 1974, p. 8). Apesar dessa listagem inicial, o livro se distribui em capítulos temáticos, ou seja, as críticas não fundamentadas trazidas pelo autor não são respondidas diretamente, mas servem apenas de ilustração para uma estratégia dissertativa que explica e apresenta de forma aglutinada diversos conceitos behavioristas. Embora esse modelo de abordagem do problema não utilize as críticas equivocadas como pilar central, já demonstra o surgimento de uma preocupação relativa a essa questão e de forma incipiente produz uma primeira reunião sistematizada das principais afirmações equivocadas sobre a área. Sendo assim, este pode ser considerado um primeiro embrião de uma literatura discursiva que trata da temática relativa a equívocos sobre Análise do Comportamento (SKINNER, 1974).

Continuando o resgate cronológico pela literatura que aborda equívocos e má compreensões da área analítico-comportamental, é possível encontrar outros trabalhos discursivos que tratam de novos pontos dentro dessa temática. Apesar de se notar uma inflexão, onde a maioria dos trabalhos se debruça sobre questionamentos acerca da linguagem comportamental, é importante apresentar de forma sistemática algumas particularidades que compõe estas investigações ao longo do tempo. O critério temporal se mostrou pertinente, pois paulatinamente os artigos tenderam a se referenciar, principalmente na medida que os primeiros autores agruparam determinados problemas e dissertaram diretamente sobre equívocos, más compreensões, imprecisões, ou seja, foram construindo um vocabulário singularizado para lidar com a questão.

Em Deitz e Arrington (1983) são identificados alguns elementos que o caracteriza como um dos primeiros textos a investigar uma má compreensão acerca da Análise do Comportamento, nesse caso em particular sobre incompreensões da linguagem analítico-comportamental. Neste artigo o autor levanta duas hipóteses argumentativas para a ocorrência desse problema: (1) cita a criação de termos ou conceitos extremamente específicos da área e (2) aponta a existência de expressões do vocabulário cotidiano sendo usadas com uma conotação particular dentro da literatura acadêmica. Particularmente nesse segundo ponto se

costuma apontar palavras que evoquem uma série de significados ruins ou indesejados socialmente, como “punição”, “controle”, “estimulação aversiva”, etc.

Para sustentar sua proposta o autor produz um resgate sobre alguns termos analítico-comportamentais (“punishment”/punição; “treatment”/tratamento; “extinction”/extinção) e posteriormente faz uma análise filosófica embasada em Wittgenstein, trazendo discussões conceituais sobre o uso difuso da linguagem comportamental, seja dos verbetes específicos da área ou os cooptados do cotidiano. Vinculado a esta breve análise linguística, é apontado também a questão das comunidades verbais e das diferentes audiências, componentes que modificam o uso e desuso de certos termos influenciando diretamente na sua aplicabilidade e compreensão. Em linhas gerais estes elementos podem compor empecilhos para a correta aceção da Análise do Comportamento, principalmente pelo uso de termos idênticos aos do cotidiano com significados particulares da área. Tal incongruência, segundo o autor, indica a necessidade de revisão desses termos para evitar interpretações equivocadas e aumentar a precisão científica na área, tanto para um benefício prático como conceitual.

Poucos anos depois, em Morris (1985), se encontra um novo registro que investiga equívocos e incompreensões sobre conceitos analítico-comportamentais, todavia sob um novo ângulo de investigação centrado na divulgação de informações. Neste artigo o autor apresenta condições que sustentariam a disseminação desses conteúdos equivocados, fazendo quatro ponderações principais: (1) a necessidade de avaliação deste problema, (2) o conteúdo e as formas de disseminação a serem consideradas, (3) a possível contribuição dos analistas do comportamento para esse problema e (4) a relação entre analistas do comportamento com a mídia em geral.

Após estabelecer o argumento de que há um descompasso de relatos sobre a Análise do Comportamento em várias esferas que impactam na acurácia da compressão, cita três principais fontes que disseminam esses erros. Primeiramente aponta as mídias e os jornais em geral, assim como os materiais didáticos voltados a educação e formação de diversos profissionais e por fim, livros e obras dentro da própria área de ciências sociais que abordam o tema. Atrelado a isso estabelece contribuições que a própria Análise do Comportamento acaba fornecendo para a manutenção desse cenário, como a construção de uma proposta teórica extremamente complexa e o aparente baixo interesse de simplificar ou torná-la acessível. Este quadro de certa forma ignora as dificuldades de aprendizado desses conteúdos, sustentando uma linguagem “fechada” que propicia a não compreensão por novos aprendizes e aumenta sua suscetibilidade

às definições erradas. Além disso, a falta de preocupação dos analistas sobre como suas pesquisas podem ser divulgadas, somado a incompreensão dos profissionais da mídia em relação aos conceitos da Análise do Comportamento, tendem a favorecer sensacionalismos e extrapolações indevidas.

Ao final, o autor indica algumas sugestões para solucionar os problemas levantados ao longo do texto. Sob uma perspectiva proativa, é apresentada uma ideia de construção de um “órgão público” para divulgação científica, o oferecimento de consultorias para as mídias em geral e a elaboração de um guia de orientação básico. Já em uma perspectiva reativa, buscar produzir respostas formais aos erros divulgados, criar declarações combativas a estes conteúdos equivocados e, por fim, a desmistificação dessas incompreensões por meio informal, incluindo principalmente os círculos sociais e grupos aos quais os analistas do comportamento tem contato direto.

Retomando a argumentação apresentada por Deitz e Arrington (1983) sobre os entraves promovidos pela linguagem analítico-comportamental, encontra-se em meados da década de 90 o trabalho de Foxx (1996). Nesta obra a questão central também vincula a hostilidade e confusão sobre a área de Análise do Comportamento ao seu linguajar, porém não há nenhum tipo de referência a argumentação anterior de Deitz e Arrington. Este fato promove uma nova estratégia argumentativa pautada em uma imagem distorcida acerca dos princípios comportamentais, oriunda de uma linguagem pouco elucidativa que dificulta a compreensão das práticas e dos procedimentos da área.

Essa imagem, segundo o autor, estaria atrelada a uma exposição disseminada principalmente dentro da área da educação, uma visão que se resumiria a correlação simplória dos princípios comportamentais apenas como tratamento de “crianças disfuncionais”. Tal aceção reduziria a perspectiva de atuação, como se estes pressupostos nada pudessem acrescentar ao modelo total de formação ou que esta teoria não seria capaz de dar conta de questões humanas mais complexas. Entretanto este panorama não seria puramente responsabilidade dos profissionais da educação, mas também um importante indicativo da inabilidade ou falhas dos próprios analistas do comportamento.

Ao realizar um levantamento bibliográfico sobre o conceito de “modificação comportamental” em seu texto, identificou que este vocábulo muitas vezes é apontado de forma errada por diversos profissionais, inclusive da área. Além disso, apresenta que muitos analistas reforçam o estereótipo de que as intervenções têm caráter rápido e pontual, o que solidifica uma

imagem reducionista do conhecimento comportamental. Isso demonstra como a apresentação e disseminação das práticas, ou procedimentos, podem ter efeito direto na forma como outros campos de conhecimento entendem a Análise do Comportamento, fato já salientado por Morris (1985) ao abordar a temática da mídia. Somado a isso, o distanciamento produzido pela linguagem comportamental reforça esse cenário, o que sinaliza uma urgente necessidade de ensinar este vocabulário ao público, sob pena de um uso indiscriminado que pode produzir novas distorções e incompreensões.

Contemporaneamente a esta discussão apresentada, Carrara em 1996 defende sua tese de doutoramento onde estrutura uma análise robusta acerca da temática de equívocos, que posteriormente viria a ser publicada em um livro (CARRARA, 2005). Neste trabalho o autor lança mão de um extenso acervo bibliográfico para investigar diversos tópicos de incompreensões ou críticas ao Behaviorismo Radical e a Análise do Comportamento. Tal tarefa acabou por agrupar uma longa lista de tópicos, os quais foram categorizados metodologicamente de forma temática. As quatro áreas definidas pelo autor foram: Área 1 – Conceitual-filosófica; Área 2 - Científico-metodológica; Área 3 - Ético-social; Área 4 – Outras críticas e temas polêmicos.

Diante desses quatro eixos principais, esta obra apresenta uma análise bastante ampla e embasada, que inclui tópicos da filosofia, epistemologia, experimentação e aplicação, no que se refere a Análise do Comportamento. Este fato qualifica esta obra como um marco na literatura sobre equívocos, principalmente no modelo de uma análise discursiva, afinal após a sua publicação é notável que todos os trabalhos voltados a esse tema o utilizam como referência, pelo menos em âmbito nacional.

Durante a apresentação e arguição dos temas analisados em cada área determinada, é interessante apontar para o uso parcimonioso de vocábulos como “erro”, “equívoco” ou derivados, pois diante de algumas afirmações imputadas à Análise do Comportamento o autor assume certa pertinência. Ou seja, a forma de argumentação ao longo do texto escapa de uma total reatividade àquilo que aparece como crítica, o que aumenta a fidedignidade e validação nos momentos em que há de fato erros ou equívocos (CARRARA, 2005). Além disso, em alguns pontos desta obra os próprios analistas do comportamento são responsabilizados por manter ou não desfazer certas lacunas, criando o que se poderia chamar de uma metacrítica no decorrer da análise realizada.

Por fim, depois de elencar todos os tópicos de análise, é feita uma extensa discussão entre o papel da Análise do Comportamento com a educação, principalmente com uma educação progressista, inclusiva e de qualidade. Ao abordar essa relação, mais uma vez fica claro que um ponto central dos autores vinculados a essa literatura de equívocos é repensar as possíveis contribuições analítico-comportamentais, tendo em vista uma correta disseminação da área. Todavia, por não ser o objetivo específico do trabalho ou por outras questões, a discussão apresentada não sistematiza metodologias ou experiências que indiquem uma construção concreta para esses novos rumos, fato que dificulta a instrumentalização desses temas e de certa maneira indica uma lacuna na forma como a literatura aborda a questão do ensino.

Já em um breve artigo de Guimarães (2003), é realizada uma sintética definição de conceitos básicos que constituíram as definições do conceito de comportamento e a partir disso se estabelecem pontos nevrálgicos de tensão ou de críticas infundadas. De forma geral, como outros autores anteriormente citados ele centraliza sua discussão no arcabouço linguístico da área como principal fonte de problemas.

Primeiramente a obra apresenta que a visão funcionalista da Análise do Comportamento se choca com um modelo tradicional mentalista, principalmente na articulação do vocabulário empregado. Esta situação se estabelece pois em uma interpretação analítico-comportamental determinadas construções verbais utilizadas para explicar o comportamento são insuficientes, como dizer “eu fiz isso porque estava estressado”. Tomando uma análise funcional como viés interpretativo para explicar “o porquê” tal ação foi feita, seria necessário estabelecer as relações entre o sujeito que agiu e seu ambiente externo, ou seja, qual função esta ação adquire neste contexto. Justificativas que fazem menção a estados emocionais como “estressado” ou derivados, não seriam capazes de dar explicações causais, quando muito talvez qualificar um determinado conjunto de ações.

Posteriormente, aborda um ponto recorrente na literatura que é o uso de vocábulos cotidianos ou termos correlatos de outras áreas (inconsciente) com significados específicos da área comportamental. Utilizando como ilustração o conceito de “ambiente” e “inconsciente” para a Análise do Comportamento, o autor apresenta as confusões e precipitações promovidas por esse tipo de vocabulário partilhado. Além disso, sugere que algumas banalizações na disseminação de alguns conceitos podem contribuir para uma aversão à área, como o exemplo de algumas obras cinematográficas/literárias, que usam interpretações de termos como

“condicionamento operante” de forma mecânica e pouquíssimo articulada com os princípios originais do termo na Análise do Comportamento.

Por fim, mostra que existe uma desconsideração quanto às reformulações teóricas existentes dentro da área comportamental, seja no âmbito do próprio behaviorismo e suas vertentes, ou daquilo que veio a constituir a Análise do Comportamento (ciência do comportamento). Tal fato ignora ou desconhece que os pressupostos nos quais a Análise do Comportamento se sustenta passaram por gradativo refinamento, ou mais grave ainda, assumem correlações precipitadas dessa ciência com todas as vertentes behavioristas e apontam críticas mal endereçadas. Afinal, a tradição filosófica que embasa a Análise do Comportamento é referenciada pelo Behaviorismo Radical de Skinner (SKINNER, 2003). Todavia é importante frisar que Guimarães (2003) não retoma ou cita a literatura diretamente ligada ao tema de equívocos, argumentando apenas tomando as definições originais dos conceitos como parâmetro, apesar de possíveis paralelismos aos autores anteriormente citados como: Deitz e Arrington (1983); Morris (1985) e Foxx (1996). Sendo assim, a proposta parece dispersa e ganha um caráter puramente de denúncia, o que reduz substancialmente o poder de impacto desta obra.

Seguindo os rumos de investigação discursiva do tema central, percebe-se uma consolidação gradual que passa a apresentar mais subsídios aos autores a partir da virada do século XX. Neste ínterim, é publicado o artigo de Rodrigues (2006), que produz uma concatenação interessante entre os elementos relacionados à equívocos e ao processo de formação crítica de docentes.

Lançando mão de uma revisão bibliográfica de diversos estudos sobre mitos, incompreensões e equívocos sobre a Análise do Comportamento, a autora aponta a importância do uso criterioso de bons materiais que visem a formação qualificada de profissionais que trabalharão com esses temas. Em sua argumentação é preponderante a sugestão de identificar na literatura de primeira mão, ou seja, redigida por representantes da abordagem em questão, informações que orientem as escolhas (ou descartes) baseado em critérios rigorosos vinculados ao referencial trabalhado. Tais decisões não devem se pautar em circunstâncias que simplifiquem o conteúdo abordado ao ponto de manter estereótipos ou explicações inaccuradas, visto que isso romperia com os princípios éticos relativos ao conhecimento e ao próprio ensino. Este cuidado no estabelecimento de critérios e de uma postura ética se reflete na própria definição de equívoco elaborada no artigo.

Para Rodrigues (2006), críticas equivocadas seriam aquelas desprovidas de sustentação, que não resistiriam a um exame mais profundo da teoria a qual se propõe explicar. A partir disso, apresenta três fatores possíveis para o surgimento dos equívocos voltados a Análise do Comportamento. O primeiro deles teria relação com um conhecimento inacurado, parcial, ou ao desconhecimento da abordagem, fato constatado nos repertórios dos sujeitos pesquisados em pesquisas empíricas sobre equívocos, em textos didáticos, em cursos ministrados ou em comunicados da mídia. Em segundo, poderia estar vinculado à própria terminologia utilizada (termos técnicos) pela abordagem comportamental e, por fim, a fatores relacionados ao desenvolvimento histórico do Behaviorismo Radical (BR) e da Análise do Comportamento (AC) atreladas a crescente complexidade da obra de Skinner.

É interessante perceber que estes elementos causais apontados remontam a tópicos levantados historicamente na literatura de equívocos, o que corrobora com a hipótese de coesão desse campo de conhecimento. Além disso, retoma como possível solução a necessidade de interlocução dos analistas do comportamento com outras áreas ou outras linhas teóricas, trazendo outro trabalho de sua autoria que sinaliza esse alerta (RODRIGUES, 1999). Tal proposta também está de acordo com indicativos relatados anteriormente na literatura, principalmente àqueles que abordam a linguagem analítico-comportamental como empecilho para a compreensão (DEITZ e ARRINGTON, 1983; MORRIS, 1985; FOXX, 1996).

Seguindo esta linha de raciocínio, que vincula o vocabulário comportamental como principal ponto de tensão e inclui o uso de verbetes cotidianos com acepções específicas da área, encontra-se de forma mais recente o artigo de Da Cruz (2010). Neste trabalho o autor produz uma discussão conceitual centrada em três fatores para ilustrar esta questão. O primeiro faz referência a uma suposta incompatibilidade entre aspectos históricos do Behaviorismo Radical e suas definições atreladas à liberdade e dignidade, o segundo trata da problemática de identificar esta abordagem como solidária e/ou vinculada com os pressupostos de uma ideologia liberalista e por fim, os entraves relacionados à linguagem narrativa escolhida por Skinner para discutir esses pontos.

Resgatando uma discussão ético-social, exposta também por Carrara (2005), visa contrastar as alcunhas impostas à Análise do Comportamento como uma fonte incipiente de erro. Todavia, nessa análise não exime de responsabilidade a própria construção argumentativa realizada pelo maior expoente da área, Skinner, por entender que o uso excessivo de termos técnicos contribuiu para o distanciamento dos ouvintes não especializados. Essa crítica que

aponta para dentro do campo comportamental, também aparece retomando outro ponto levantado por Carrara (2005) e Banaco (1997). Estes salientam que outra fonte importante de más compreensões advém de uma reatividade imediata dos analistas a qualquer crítica externa e/ou de uma posição ofensiva desses analistas, que ao não conseguirem relevância para o que produzem, começam a atacar outros autores.

Mediante a isso, será proposto na obra de Da Cruz (2010) algumas possibilidades de solução, como analisar o efeito comportamental dessas críticas, pois elas poderiam possuir inúmeras funções (tanto para o falante, como para o ouvinte). Outra medida seria expor de forma clara para o público leigo, ou iniciante, os aspectos conceituais, históricos e epistemológicos do Behaviorismo Radical, a fim de amenizar estes problemas. E por último, salientar que o cuidado para evitar a produção de erros sobre a Análise do Comportamento ou o Behaviorismo Radical cabe tanto aos que estão fora da área produzindo críticas, como àqueles que estão no bojo deste referencial.

Diante das propostas de soluções propostas por Da Cruz (2010), pode-se averiguar uma oscilação entre sugestões próximas de uma instrumentalização comportamental, como a primeira e outras mais genéricas como a segunda. Além disso, demarca um caráter autocrítico voltado aos analistas do comportamento bastante recorrente nas investigações discursivas posteriores ao trabalho do Carrara (1996/2005).

Diante desse resgate das principais literaturas discursivas sobre equívocos vinculados a Análise do Comportamento, é possível estabelecer um cenário panorâmico dessa problemática, pois apesar de constituir um campo pulverizado de ângulos e estratégias argumentativas, alguns tópicos são recorrentes no diagnóstico levantado pelos autores. Um deles é referente ao vocabulário analítico-comportamental, que somado a uma posição de pouco diálogo dos analistas com a comunidade acadêmica geral, tende a promover condições favoráveis para a manutenção dessas incompreensões. Outro ponto chave é a recorrente menção às contribuições da Análise do Comportamento para a educação, quase sempre sugerindo diretamente uma articulação desses dois campos como sendo uma solução cabível. Sendo assim, mesmo depois de cinco décadas desde a redação de *Sobre o Behaviorismo* (SKINNER, 1974), houve subsídios para novas investigações acerca do problema de equívocos, incluindo o presente trabalho e sua correlação com processos de ensino.

Visando ampliar o escopo da investigação, a seguir serão analisadas obras que compõem o segundo bloco (Seção II) da literatura selecionada, discriminada como trabalhos empíricos.

Seguindo um roteiro semelhante a Seção I, haverá uma breve introdução englobando informações gerais de todas as obras e os critérios que justificam uma presença majoritária deste modelo de pesquisa. Buscando uma apresentação mais fluida e direta, serão privilegiados os pontos-chaves e a possibilidade de correlações com outras obras analisadas. Tendo em vista que o objetivo final do presente trabalho é assimilar as contribuições centrais da literatura selecionada, e seus possíveis desdobramentos para o ensino, o nível de detalhamento foi ponderado para satisfazer a proposta delimitada.

Seção II: Análise das obras com abordagens metodológicas empíricas.

Tomando como referência a organização da bibliografia completa apresentada no Quadro 1, abaixo são destacadas apenas as obras que compõem a categoria referente às obras empíricas (Quadro 3). Segue-se a adoção das cores para distinguir o tipo de texto publicado, auxiliando assim as análises realizadas a seguir.

Quadro 3 – Listagem cronológica da literatura empírica.

Ano de publicação	Autor(es/as)	Título
1974	MUSGROVE, W. J.	A Scale to Measure Attitudes Toward Behavior Modification
1977	WOOLFOLK, A. E.; WOOLFOLK, R. L.; WILSON, G. T.	A Rose by Any Other Name...: Labeling Bias and Attitudes Toward Behavior Modification
1978	DUBNO, P. <i>at al.</i>	An Attitude Toward Behavior Modification Scale
1983	TODD, J. T.; MORRIS, E. K.	Misconception and Miseducation: Presentations of Radical Behaviorism in Psychology Textbooks
1984	DE SÁ, C. P. <i>at al.</i>	O status acadêmico do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner no Estado do Rio de Janeiro.
1992	DEBELL, C. S.; HARLESS, D. K.	B.F. Skinner: Myth and Misperceptions
1992	YOUSEF, J. M. S.	Arabic Students' Understanding of Skinner's Radical Behaviorism
1995	LAMAL, P. A.	College Students' Misconceptions About Behavior Analysis
1997	FRANÇA, A. C. C.	A análise comportamental aplicada à educação: um caso de deturpação do pensamento de B. F. Skinner
2001	GIOIA, P. S.	A abordagem behaviorista radical transmitida pelo livro de psicologia direcionado à formação de professores
2010	ARNTZEN, E.; LOKKE, J.; LOKKE, G.; EILERTSEN, D.	On Misconceptions about Behavior Analysis among University Students and Teachers
2011	RODRIGUES, M. E.	Mitos e discordâncias – Análise de relatos de ex-analistas do comportamento
2013	PACCA, F. C.	Investigação de conhecimento teórico: aceitação/rejeição ao Behaviorismo Radical entre professores
2017	AZOUBEL, M. S.; ABBUD, G. M.	(Im)Posturas Jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner
2017	VELHO, M. A. S.	O processo de transmissão da Análise do Comportamento e Behaviorismo Radical na graduação em Psicologia

Legenda: amarelo - artigos; azul – obras completas; verde – trabalho de conclusão de curso, dissertação ou tese.

Como exposto na seção anterior, uma maneira de investigação utilizada foi a de uma proposta discursiva, identificada primeiramente na obra do próprio Skinner (1974) e replicada de diversos ângulos por outros autores ao longo das décadas. Todavia, uma das características basilares do comportamentalismo e da própria Análise do Comportamento é sua propensão a estruturar trabalhos de cunho empírico, com uso de metodologias e delineamentos de pesquisa que produzam dados práticos sobre o tema investigado. Sendo assim, ao resgatar a literatura sobre equívocos é notável que esta característica também se apresenta, inclusive com a produção de um artigo (MUSGROVE, 1974) no ano concomitante ao de publicação de *Sobre o Behaviorismo* de Skinner (SKINNER, 1974).

Diante de contingências históricas promovidas pela disseminação das terapias comportamentais nas décadas de 60 e 70 (BARBOSA e BORBA, 2010), evidencia-se o ressurgimento e popularização de antigos conceitos desta área, tais como o de “modificação do comportamento”. Este fator, diante de um ambiente tradicionalmente avesso a uma visão comportamentalista, acentuará o número de interlocutores críticos e por sua vez, daqueles que promovem críticas tendenciosas ou equivocadas. Sendo assim, os primeiros trabalhos empíricos que tratam de equívocos tenderam a investigar acepções relacionadas a temática de modificação de comportamento, afinal isso se apresentava como um ponto latente de objeção, inclusive em outras áreas como a administração (DUBNO, HILLBURN, ROBINSON, SANDLER, TRANI e WEINGARTEN, 1978).

Uma primeira experiência empírica de construção metodológica se encontra em Musgrove (1974), trabalho no qual o autor busca estruturar a elaboração de uma escala likert de atitudes em relação ao conceito de modificação do comportamento, aplicada a professores de uma escola primária. Sustentado em uma breve revisão de cinco anos da literatura, identifica que comumente os princípios de intervenção fazem referência a projetos pautados em resolução de problemas típicos em ambiente escolar, todavia em uma classe regular não se identifica uma aceitação tão ampla desses conceitos.

Foram compostos 20 itens em formato likert, onde o sujeito experimental poderia se posicionar diante de cada afirmação utilizando cinco gradações, as quais iam de “concordo totalmente” até o extremo oposto “discordo totalmente”, sendo o item central definido como neutro ou indeciso. A escala foi composta por itens como: “2 - Behavior Modification has unlimited possibilities/ 2 - Modificação Comportamental apresenta possibilidades ilimitadas; (...) 11 - Behavior Modification will advance education to a higher level/ 11- Modificação

Comportamental avançará a educação para altos níveis”¹ (MUSGROVE, 1974, p. 393). Tendo em vista o caráter embrionário deste trabalho dentro da área, seus resultados se preocuparam mais em delimitar critérios estatísticos de validação e fidedignidade para a escala, do que propriamente produzir conclusões diante dessa primeira aplicação. Porém, ao estabelecer que houve um grau satisfatório de discriminação de itens e, sendo assim, a escala possui embasamento para ser aplicada em novas pesquisas, pode-se conjecturar também a validade referente a temática escolhida para o estudo. Além disso, as medidas preliminares indicaram alto grau de neutralidade nas respostas obtidas.

Ainda na década de 70, e sob a influência de críticas ao conceito de modificação de comportamento, encontra-se a obra de Woolfolk, Woolfolk e Wilson (1977). Neste estudo também se utiliza uma proposta empírica, porém com uma estratégia que difere do modelo de aplicação de uma escala.

Buscando identificar e classificar possíveis vieses ou tendenciosidades acerca da modificação de comportamento, elaborou-se um delineamento baseado na apresentação de um vídeo que continha um manejo didático em uma sala de aula. Os participantes eram estudantes matriculados no curso de formação de professores, um grupo de pós-graduandos e outro de graduandos. Dentro de cada um desses grupos houve uma nova divisão, agora pautada em uma informação fornecida pelos experimentadores. Parte dos sujeitos experimentais seria informada que no vídeo se tratava de técnicas de modificação do comportamento e o outro grupo que este mesmo vídeo se tratava de técnicas humanistas de educação. Posteriormente todos os grupos deveriam reagir a duas etapas de mensuração acerca dessa apresentação.

A primeira etapa de mensuração consistia em quantificar (1 a 4) em uma escala likert sete pontos de desempenho do professor (“2 - Teacher enthusiasm”/Entusiasmo do professor; “3 - Teacher competence”/ Competência do professor) e outros 11 itens relacionados a técnica empregada e a interação dos alunos (“9- Approach will help students learn”/ 9- Manejo para ajudar o aprendizado dos estudantes; “10 - Approach will maintain discipline”/ 10- Manejo para manutenção da disciplina)² (WOOLFOLK, WOOLFOLK e WILSON, 1977). Havia também uma pergunta incluída nesta etapa: “Eu considero este professor um bom modelo para o meu próprio ensino e eu iria assistir a uma aula extra para aprender mais sobre esse método?”, a qual os alunos deveriam apontar concordância ou discordância em uma escala de sete pontos. Já na

¹ Tradução livre dos itens realizada pelo autor.

² Tradução livre dos itens realizada pelo autor.

segunda etapa foram elencados pares de palavras antagônicas (bom/ruim, completa/incompleta, etc.), que deveriam ser correlacionadas a determinada estratégia aplicada (humanista ou behaviorista) e formariam quatro fatores gerais de análise para essas estratégias (1- Avaliação do professor; 2- Eficiência do método; 3- Interesse; 4- Flexibilidade).

Baseado nos dados obtidos os pesquisadores concluíram que houve um impacto significativamente diferenciado na reação de ambos os grupos de alunos. Averiguou-se respostas mais favoráveis quando julgaram se tratar da abordagem humanista, o que demonstra um claro enviesamento pela simples nomeação correlacionada a uma determinada abordagem. Todavia os dados que pontuam uma posição acerca da modificação de comportamento tenderam a um score mediano, assemelhando-se aos dados de Musgrove (1974) que identificaram uma neutralidade ou indecisão a este conceito. Ou seja, a diferenciação tendeu por uma maior concordância em favor da alcunha “humanista” e não necessariamente uma discordância em relação a perspectiva comportamental de modificação do comportamento.

Todavia, para além desse conceito relacionado as práticas de modificação de comportamento, outros tópicos de afirmações equivocadas já eram sinalizados como problemáticos (SKINNER, 1974). Visando ampliar o alcance de análise e utilizando uma estratégia metodológica diferente das obras vinculadas a essa investigação, Todd e Morris (1983) propõe a investigação dessas más compreensões e imprecisões em livros didáticos de diversas áreas (introdutória, cognitiva, social, personalidade e desenvolvimento) que são de uso corrente na formação de alunos de Psicologia.

Dentro de cada área houve um percentual diferenciado de informações sobre o Behaviorismo Radical e a Análise do Comportamento. Os textos introdutórios e de personalidade possuíam o maior número de informações, seguidos dos de desenvolvimento e por fim, os textos da área social e cognitiva, que por vezes não possuíam nenhuma menção a esse conteúdo. Todavia, a pesquisa demonstrou que o teor dessas informações oscilava entre concepções corretas e incorretas, produzindo cinco tópicos principais de equívocos identificados: (1) apresentação focada em comportamentos básicos não humanos, (2) afirmação de que é uma abordagem totalmente ambientalista, (3) menção a metáfora da “caixa preta” ou do “organismo vazio”, (4) que há a defesa de uma teoria da linguagem ingênua e simplista e (5) de que é uma teoria limitada e não utilizável (TODD e MORRIS, 1983).

Tais apontamentos errôneos, segundo os autores, promoveriam a criação de uma série de reações emocionais indevidas que reduziria o interesse dos alunos e conseqüentemente

diminuiriam as possibilidades de uma atuação produtiva na área. Sendo assim, estariam sendo formados profissionais que desconhecem, ou que conhecem errado, um referencial extremamente relevante no ambiente acadêmico, científico e profissional. Além disso, o esvaziamento de engajamento na área tende a impactar os investimentos realizados, afinal o número de pesquisas e trabalhos tendem a mitigar com a evasão dos alunos.

Ao final do artigo é apontado a importância de incentivar professores a utilizar materiais que possuam informações acuradas, em detrimento dos que possuem equívocos. Outra possibilidade é redigir diretamente aos autores desses livros didáticos informando onde/por que determinada assertiva está incorreta, pois eles próprios podem ter sido formados de maneira incorreta e apenas estão perpetuando esse erro. Por fim, é importante salientar a propagação do uso da ferramenta de “errata” no meio acadêmico, a qual deve ser elogiada e incentivada, afinal dificilmente algum autor desejará se expor a retificar um equívoco se for duramente punido por isso.

Outra pesquisa que surge com essa perspectiva de análise mais ampla, porém agora em âmbito nacional, busca testar o grau de rejeição por parte de alunos de 6º e 10º período de Psicologia, do Estado do Rio de Janeiro, aos princípios do Behaviorismo Radical (DE SÁ, SOARES, VIZZONI, VIALE e CASTRO, 1984). Foram selecionados 300 participantes, sendo 140 alunos do 6º período e 160 do 10º período, pertencentes a 10 instituições de ensino superior do Estado. Esta obra consistiu na apresentação de 32 trechos de 4 obras diferentes de Skinner (Walden II; Ciência e Comportamento Humano; Tecnologia do Ensino e O Mito da Liberdade), classificados em quatro temáticas centrais: 1- Os pressupostos da ciência do comportamento; 2- A determinação socioambiental do comportamento; 3- As agências institucionalizadas de controle do comportamento e 4- As aplicações socialmente relevantes da ciência do comportamento; e seus respectivos subtemas (exemplos: 1.2 As objeções às explicações mentalistas do comportamento; 2.1 O comportamento individual e o ambiente social; 3.3 O controle pela agência psicoterápica; 4.1 A cultura existente e sua possível mudança).

O delineamento experimental consistiu na utilização de um grupo controle, que não era informado sobre se tratar de trechos das obras de Skinner, e um grupo experimental, o qual foi exposto a essa informação. Tal divisão foi realizada tanto na amostra de estudantes de 6º período, como na de 10º período e as respostas aos itens eram realizadas em uma escala likert de cinco pontos que variavam de “discordo plenamente” até “concordo plenamente” sendo o ponto central composto pela opção “estou indeciso”. Os trechos dos livros selecionados estão

apresentados em De Sá et al. (1984)³ e por serem itens muito extensos, julgou-se que a transcrição na íntegra nesta seção de resultados alongaria desnecessariamente o texto.

Os resultados apontaram que para os estudantes de 6º período foi indiferente a menção da autoria dos trechos, ou seja, houve consistência nas respostas tanto no grupo controle como no grupo experimental. Já nos estudantes de 10º período houve uma tendência de menor concordância às proposições behavioristas radicais quando lhes foi informado que se tratava de trechos da obra de Skinner. Diante desses dados, aponta-se que o status acadêmico do Behaviorismo Radical apresenta um caráter ambíguo e poderia ser consideravelmente superior ao que se constatou. Esta ambiguidade, segundo o autor, se apresenta pela característica genérica que permeia a rejeição desses pressupostos behavioristas, normalmente centrada na “técnica do espantalho”, por pressuposições distorcidas ou em acusações que desconsideram os alicerces principais desse sistema teórico. Um fator que reforça essa hipótese pode ser identificado nos próprios dados da pesquisa, onde apresentam um índice de rejeição razoavelmente desproporcional a posição de discordância explicitamente declarada no convívio acadêmico da Psicologia. Ou seja, ao serem expostos a trechos diretamente do autor original, se percebe um decaimento nas respostas de objeção.

Apesar do caráter especulativo diante dos dados disponíveis, o autor sinaliza que estas informações poderiam contribuir para a ruptura desse ciclo vicioso. Além disso, propõe que se sustente uma condução mais consistente no que tange o ensino e o estudo dessa área em cursos de Psicologia, Educação e Ciências Sociais no Estado do Rio de Janeiro. É interessante contrastar esses dados às hipóteses centradas no questionamento do linguajar comportamental como fonte de equívocos e isolamento dos analistas do comportamento, pois neste caso o contato direto com obras originais apresentou um grau de rejeição menor do que o identificado no ambiente de ensino da graduação. Todavia, o alcance desse diagnóstico parece ser limitado e carecer de uma construção mais programática, incluindo análises estatísticas mais acuradas para atingir conclusões passíveis de maior generalização.

No início da década de 90, porém distante do berço histórico norte-americano do behaviorismo e da Análise do Comportamento, encontra-se a pesquisa de Yousef (1992) com estudantes de graduação da Universidade da Jordânia. Tal investigação fora do eixo tradicional demonstra dois possíveis pontos interessantes, o primeiro de que a área comportamental obteve êxito em sua expansão pelo mundo, porém sinaliza uma segunda questão, de que essa

³ Consultar páginas 27 a 33 (DE SÁ et al, 1984).

disseminação aparentemente também pode ser permeada por equívocos e incompreensões. Inclusive, um dos fatores que motivaram esse trabalho foi exatamente a identificação dessa problemática nos Estados Unidos (TODD e MORRIS, 1985) e na análise de livros-textos árabes introdutórios à psicologia (YOUSEF, 1992), levando ao interesse de investigá-la em um novo local e de maneira mais ampla.

O questionário foi aplicado em 157 estudantes de graduação em Psicologia, sendo uma parcela composta por alunos que possuíam disciplinas comportamentais de forma programada em sua grade, enquanto outros dispunham dessas disciplinas de forma eletiva. Composto em um modelo de resposta “sim” ou “não”, os 32 itens versavam sobre conceitos básicos do Behaviorismo Radical. Exemplos: “8 - Skinner’s radical behaviorism views human nature as inherently ‘bad’”/ 8 – O Behaviorismo Radical de Skinner vê a natureza humana como inerentemente “ruim”. (...) “11 - Skinner’s radical behaviorism neglects the influences of heredity on human behavior”/ 11 – O Behaviorismo Radical de Skinner negligencia as influências da hereditariedade no comportamento humano⁴ (YOUSEF, 1992).

Os resultados apontaram que a maioria dos conceitos básicos são mal compreendidos pelos estudantes árabes que participaram da pesquisa, salientando que os livros-texto introdutórios costumam ser redigidos com informações inaccuradas e possivelmente contribuem para este cenário. Além disso, atenta que não apenas o pouco acesso a conteúdos corretos promovem incompreensões, mas que há uma exposição enviesada proveniente de membros que desgostam do referencial e deliberadamente produzem colocações de cunho aversivo a área, tendendo a gerar o que ele chama de “deseducação”.

Paralelo a isso, os dados demonstraram diferenças estatisticamente significantes entre os alunos que cursaram disciplinas comportamentais de forma obrigatória e àqueles que cursaram de maneira eletiva. Averiguou-se um desempenho melhor dos estudantes que cursaram as disciplinas comportamentais de forma programada, sinalizando um possível problema proveniente da organização curricular dos cursos de Psicologia, haja vista que o caráter totalmente eletivo dessas disciplinas abre uma lacuna para que diversos alunos se formem sem o mínimo de contato com informações corretas sobre a área.

Seguindo o modelo metodológico que utiliza a aplicação de uma escala acerca de conceitos analíticos-comportamentais para coleta de dados, encontra-se o trabalho de De Bell

⁴ Tradução livre dos itens realizada pelo autor.

e Harless (1992). Neste artigo a proposta se baseia na investigação de concepções erradas (definidas aqui como “mitos”) em relação a visão skinneriana, com uma amostra de estudantes de Psicologia em diferentes níveis de graduação. As autoras salientam que o grau variado de conhecimento dos participantes seria um critério pouco relevante, tomando como parâmetro o apontamento da literatura de que diversas fontes relacionadas a Skinner contém erros. Ou seja, independente do fato de serem alunos iniciantes ou avançados em algumas disciplinas, o contato com a área possui lacunas.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram sistematizadas cinco principais temáticas de mitos, as quais derivaram da análise de diversas literaturas erradas sobre a área e de relatos de professores com larga experiência em docência nesses conteúdos. Essas cinco temáticas apresentadas para a composição da escala foram: 1- Skinner desconsidera a fisiologia e questões genéticas; 2- Skinner acredita que qualquer comportamento pode ser condicionado; 3- A proposta skinneriana negligencia a individualidade humana; 4- A punição é o método de controle comportamental mais indicado (preferido); e 5- Skinner nega a existência de estados internos. Os itens em sua totalidade somavam 14, em formato “verdadeiro” ou “falso”, sendo 7 itens relacionados a essas temáticas de mitos e outros 7 itens relativos à obra do Skinner, mas sem vinculação a estes conteúdos. Exemplos de itens com temática de mitos: “2 - Skinner believes that any behavior can be conditioned”/ 2- Skinner acredita que qualquer comportamento pode ser condicionado; “5 - Skinner uses rigorous statistical analyses in examining data from this studies”/ 5 – Skinner usa análises estatísticas rigorosas para analisar os dados de seus estudos. Exemplos de itens relacionados à obra de Skinner: “1 - According to Skinner, negative reinforcement is another term for punishment”/ 1 – De acordo com Skinner, reforçamento negativo é um outro termo para punição; “8 - Skinner showed that principles of learning apply better to animals than humans”/ 8 – Skinner demonstrou que os princípios da aprendizagem se aplicam melhor a animais do que a humanos⁵ (DE BELL e HARLESS, 1992).

A partir da aplicação, os dados obtidos identificaram que a maior parte das respostas erradas estavam nos itens relacionados aos mitos. Além disso, a porcentagem de erros tendeu a se reduzir conforme o grau maior de formação, porém ainda se mantendo consistente nos itens referentes aos mitos. Este ponto apresenta que a hipótese inicial na distribuição da amostra está parcialmente incorreta, afinal houve melhor desempenho dos alunos em períodos mais avançados, no entanto ela se sustenta quando realizada uma análise qualitativa dos itens

⁵ Tradução livre dos itens realizada pelo autor.

respondidos errados. Apesar de paradoxal, ao sinalizar que determinados tópicos equivocados se mantêm mesmo diante do avanço na graduação em Psicologia, pode-se constatar que há uma produção de mitos e equívocos enraizada nesse processo.

Nesse ínterim, as autoras apontam que essa questão produz implicações no espaço de sala de aula e propõem alguns itens de sugestões pedagógicas para resolução desse problema. Em uma primeira etapa poderia ser apresentados uma série de mitos solicitando que os alunos sinalizassem entre “verdadeiro” ou “falso”, para que em uma segunda etapa estes tópicos fossem usados em um modelo de debate. Outro ponto seria apresentar (ou solicitar que fosse apresentado pelos alunos) “inconsistências” ou reformulações teóricas dentro do próprio referencial exposto e por fim, a utilização pedagógica da escala presente nesta pesquisa. Ou seja, aplicar antes do início da apresentação do conteúdo e, após todo o processo, produzindo assim um possível quadro comparativo de desempenho nesses temas.

Com o desenvolvimento desses primeiros trabalhos apresentados, aos poucos o campo de conhecimento sobre equívocos e mitos sobre o Behaviorismo Radical e a Análise do Comportamento foi sendo estruturado, resultando assim em pesquisas que replicaram investigações anteriores. Isso se encontra presente no artigo de Lamal (1995), que buscou trazer novos elementos tendo por base o trabalho de De Bell e Harless (1992).

Além de um grupo amostral mais coeso, composto por 16 estudantes que já haviam concluído o ciclo introdutório do curso de Psicologia, uma outra característica diferente da obra replicada foi a construção das afirmativas omitindo deliberadamente o nome “Skinner”. Para isso, foram usados termos como “segundo a Análise do Comportamento” ou equivalentes, visando cercear qualquer viés de resposta controlado por reações aversivas ao autor. Em sua versão final a escala possuía 13 itens de “verdadeiro” ou “falso, seguindo as diretrizes das categorias apresentadas por De Bell e Harless (1992). Exemplos de itens: “1 - According to behavior analysts, negative reinforcement is another term for punishment”/ 1- De acordo com analistas do comportamento, reforçamento negativo é um outro termo para punição; “2 - Behavior analysts believe that any behavior can be conditioned”/ 2 - Analistas do comportamento acreditam que qualquer comportamento pode ser condicionado⁶ (LAMAL, 1995).

⁶ Tradução livre dos itens realizada pelo autor.

Os resultados não identificaram variação na taxa de respostas dos alunos, demonstrando que as alterações promovidas não modificaram o desempenho encontrado anteriormente por De Bell e Harless (1992). Ou seja, as incompreensões não estão necessariamente ligadas a figura teórica de Skinner, mas ao trabalho de ensino dessa área como um todo. Este fator corrobora com as hipóteses que emergiram no trabalho original, fazendo com que haja uma nova sugestão voltada a discussão sistemática desses pontos de equívoco, investindo para que estes sejam discutidos e lecionados de maneira acurada.

Ainda em uma perspectiva empírica, porém com uma abordagem metodológica diferente, o trabalho de França (1997) busca resgatar os esforços de Skinner em rebater afirmações precipitadas acerca da Análise do Comportamento (SKINNER, 1974). Para isso, este artigo utiliza o “Livro: Didática e Psicologia” de Alvite (1987) como objeto de escrutínio. Tomando como referência a literatura especializada da área comportamental, a autora delimita trechos na íntegra onde diferentes conceitos são apresentados erroneamente e discute pontualmente este comparativo. Além disso, busca trabalhos que visem justificar os motivos que promovem tais construções equivocadas. Fica evidente que se trata de uma análise restrita e que apenas uma obra reduz o poder de generalização dos dados, porém ilustra de forma clara um exemplo de distorção comum em diversos textos acadêmicos utilizados na formação de psicólogos, educadores ou de outras áreas das ciências sociais.

Em contrapartida, ao se analisar a tese de Gioia (2001) este poder de generalização se amplifica diante do número de obras avaliadas e da estruturação metodológica para realizar esta avaliação. O objetivo central foi identificar a forma como conceitos do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento se apresentavam em livros didáticos para formação de professores.

Para realizar esta tarefa foram analisadas 25 obras, com o enfoque na descrição de 3 pontos centrais: (1) os conceitos básicos da Análise do Comportamento, (2) os princípios do Behaviorismo Radical e (3) a proposta de ensino de Skinner. Três critérios de inclusão das obras foram definidos, sendo o primeiro deles a menção a palavra “Educação” ou correlatos como: aprendizagem, ensino, escola, professores, etc. Já o segundo era que as publicações precisavam ser datadas após 1968, ano de lançamento do livro *Tecnologia do Ensino* de Skinner, primeira obra centrada na temática da educação pautada em pressupostos analíticos-comportamentais. Por fim, o terceiro estava ligado a presença no catálogo de um breve resumo das obras, permitindo assim a aferição do primeiro critério. Além disso, houve uma caracterização das

obras a partir de algumas informações que compunham as fichas catalográficas dos livros selecionados (ex. número da edição/reimpressão/revisão, pertinência a alguma coletânea e língua de origem).

Em uma etapa posterior foi realizada a seleção dos dados contidos em cada livro, tomando como base duas fontes: referências às obras de Skinner e textos descritivos da abordagem behaviorista radical. Ao longo do texto são apresentados exemplos que ilustrem de que maneira esses pontos centrais aparecem, o que produziu uma primeira versão dividindo as informações contidas nessas fontes em duas grandes categorias: (1) concepções acerca do Behaviorismo Radical na literatura, e (2) conceitos da Análise do Comportamento. Atrélado a estas categorias, aparecem três itens que visavam qualificar os trechos selecionados: precisão, imprecisão e omissão da descrição. Diante dessa padronização para análise dos dados, a autora gradualmente elabora novos subtópicos que estruturam um encadeamento lógico dos seus argumentos, estruturando tabelas e discussões centradas na apresentação de trechos das obras selecionadas que ilustrassem sua narrativa.

Ao final, os resultados no geral demonstram imprecisão em diversas obras com um alto grau de inconsistências. Isto pode ser apontado pela existência de oscilação na apresentação de informações incorretas e de trechos com informações corretas, em todos os tópicos avaliados. Além disso, a visão de ensino foi apresentada de maneira parcial, centrada principalmente em pura aplicação de recursos técnicos, sem menção a práticas culturais e conseqüentemente ao comportamento verbal. Isso desconsidera as contribuições e a transmissão desses elementos por essa área. Outro ponto importante é que, apesar de nenhum livro mencionar um suposto perfil totalitário da teoria analítico-comportamental, ainda se encontra menções a outras críticas clássicas, como à indagação de que os eventos mentais são fenômenos aos quais o referencial não é capaz de abordar.

Este trabalho de Gioia (2001) promove uma análise aprofundada que produz um diagnóstico muito acurado de obras conceituais voltadas a formação e discute como isso pode impactar diretamente na propagação de equívocos. Devido esses livros nortear o trabalho de docentes, é fundamental que passem por um crivo especializado, pois do contrário nenhum modelo didático tende a ser eficiente se as ferramentas utilizadas para embasá-lo forem inconsistentes.

Retomando os estudos da década de 90 baseados em aplicações de escalas, encontra-se em Arntzen, Lokke e Eilertsen (2010) uma replicação do estudo de Lamal (1995), o qual por

sua vez já seguia este procedimento tendo a pesquisa de De Bell e Harless (1992) como referência. Trazendo um novo contexto universitário para a investigação por se tratar de um estudo realizado na Noruega, os autores também inseriram novos itens a escala original, buscaram diversificar o grupo amostral, porém foram sustentadas as cinco categorias temáticas sobre mitos, propostas por De Bell e Harless (1992) e mantiveram a redação dos itens que omitia o nome de “Skinner”, algo proposto por Lamal (1995).

Buscando produzir um comparativo entre sujeitos de diferentes contextos, os autores elaboraram 22 itens de “verdadeiro” ou “falso”, sendo os primeiros 14 itens uma referência direta aos trabalhos de De Bell e Harless (1992) e Lamal (1995), e os 8 últimos novas sugestões para a escala (Exemplo: “18 - Very few effective modern treatment methods have been based on behavior analysis”/ 18 – Muito poucos métodos de tratamento modernos e efetivos foram baseados na análise do comportamento⁷ (ARNTZEN, LOKKE, EILERTSEN, 2010)).

A aplicação foi realizada em cinco grupos particularmente heterogêneos entre si de duas universidades (totalizando 306 participantes). Estes grupos eram compostos por graduandos em bioengenharia, graduandos no período introdutório de Psicologia, graduandos que participavam de um programa de educação social, por professores de um curso de enfermagem e por alunos de um programa de mestrado em Análise do Comportamento.

Para o processo de análise estatística houve o agrupamento dos itens em quatro categorias, definidas como: “aplicação” (itens 1, 8, 9, 10, 11 e 12); “crenças” (itens 2, 3, 4, 5, 6, 15 e 17); “teoria” (itens 14, 16, 19, 20, 21 e 22) e “conhecimento” (itens 7, 13 e 18). Os resultados indicaram que em todos os grupos houve equívocos, mas que os alunos do programa de mestrado tiveram o menor número de equívocos. Já os alunos de Psicologia Tradicional mostraram a maioria dos equívocos sobre a Análise do Comportamento, algo que sinaliza fatores relacionados a base de ensino desses conceitos. Segundo os autores, tal situação indica a necessidade de aumentar as oportunidades de acesso a área e a construção de reforçadores vinculados a esse processo.

Demonstrando a variedade de metodologias empíricas possíveis para investigar a questão de equívocos e mitos, Rodrigues (2011) elabora uma pesquisa centrada em entrevistas com ex-analistas do comportamento. Tendo como objetivo principal identificar os pontos de equívocos conceituais, nessa obra também são discutidas questões referentes a discordâncias

⁷ Tradução livre dos itens realizada pelo autor.

acerca da área, ou seja, tópicos que demonstram divergências teóricas sem necessariamente incorrerem em erros. Essa perspectiva visou ampliar o cenário de análise incluindo fatores que pudessem contribuir para explicar a objeção ao Behaviorismo Radical e à Análise do Comportamento, haja vista que nem todas as críticas partem de deturpações ou incompreensões, apesar da literatura demonstrar um alto índice desse tipo de crítica.

Utilizando uma análise dos relatos verbais desses sujeitos se encontra pontos de divergência em diversos níveis, apesar de nenhum erro ou equívoco. Os principais se vincularam a questões filosóficas, metodológicas, epistêmicas e ontológicas, incluindo a concepção de homem, fatores da determinação para o comportamento, a função social e a aplicabilidade prática. Além disso, surge também as limitações relativas ao manejo com a comunidade externa (outras áreas de conhecimento) e com a própria comunidade de analistas do comportamento.

Esses indicativos promovem pistas importantes para a elaboração de novos trabalhos e reestruturações dentro da própria área, fato salientado por Carrara (2005) quando produz uma discussão que inclui os analistas como atores responsáveis dentro do cenário e legitima uma série de críticas que normalmente são rechaçadas precipitadamente como infundadas. Tudo isso favorece para uma reflexão que pode justificar o afastamento das pessoas à área, bem como a dificuldade de ampliação e divulgação, afinal o alcance de atuação tende a ser reduzido quando não se propõe um diálogo aberto. Sendo assim, a obra de Rodrigues (2011) cria brechas para que uma posição reativa seja substituída, independentemente de haver um extenso histórico de incompreensões. A autora salienta a necessidade de novos estudos que detalhem os fatores apontados e possam compor estratégias para enfrentamento dessas dificuldades.

Paralelamente às investigações diretas sobre equívocos, se encontram pesquisas que avaliam a aceitação ou rejeição de determinados conceitos analíticos-comportamentais. Tomando por base o tema da educação, Pacca (2013) em sua dissertação apresenta um trabalho que teve por objetivo investigar este caráter de recepção da teoria skinneriana em âmbito escolar.

O instrumento utilizado era composto por 23 citações diretas retiradas do livro *Tecnologia do Ensino* (SKINNER, 1972), devido a temática central desta obra ser convergente à da investigação principal de Pacca: a educação. Estes trechos foram subdivididos em 4 categorias (ensino; aprendizagem; professor; aluno) com modelo de resposta em escala likert de 5 pontos (“discordo plenamente” (1), até “concordo plenamente” (5)) e uma pergunta aberta,

onde os participantes deveriam redigir quantos nomes lembrassem de autores que contribuíram para educação.

A construção da escala usou três pontos principais como critério de escolha das citações: 1) citações que expusessem a posição de Skinner quanto a educação, sem incluir críticas a outros modelos; 2) citações que completassem seu sentido por si mesmas, sem necessitar de outros trechos da obra como auxílio; 3) limite de até cinco linhas, para facilitação da leitura pelos participantes. O primeiro conjunto de citações, que possuía 88 citações (aproximadamente 20 para cada categoria), foi levado ao crivo de doze juízes (4 especialistas em português, 4 especialistas em educação e 4 especialistas em Análise do Comportamento), os quais retornaram 42 itens como sendo ajustados ao objetivo. Todavia, houve uma nova triagem baseada na relevância desses itens para a obra de Skinner, finalizando no total de 23. Exemplos de itens: “12 - Condições instrutivas usualmente são planejadas e devem sempre ser temporárias”; “23 - O professor é um especialista em comportamento humano, cuja tarefa é produzir mudanças extraordinariamente complexas em um material extraordinariamente complexo” (PACCA, 2013).

Foram selecionados como participantes professores formados em pedagogia, atuantes em escolas municipais, dividindo-os em grupo controle e experimental. Ao primeiro grupo não era informado a autoria das frases, enquanto ao segundo era dito se tratar de sentenças de Skinner, estratégia semelhante a utilizada por De Sá (1984) em sua escala aplicada em estudantes de Psicologia do Rio de Janeiro.

A análise dos dados foi realizada a partir da média do escore, do teste t, de Student, e também de testes não paramétricos (Quiquadrado). Os resultados apresentaram grau de aceitação em nove afirmações, rejeição em quatro e nas demais houve um indicativo de indecisão por parte dos sujeitos. Buscando qualificar estes dados o autor dividiu as questões baseado no valor das respostas em 3 grupos: negativo (valores 1 e 2), indiferente (valor 3) e positivo (valores 4 e 5), identificando que a maior aceitação se encontrava nos itens relacionados à categoria “aprendizagem” e a maior rejeição nos itens que apresentavam a definição de ensino para Skinner. Além disso, na pergunta aberta a porcentagem de menção a Skinner foi baixíssima (1,5%) como um autor que apresentasse contribuições à educação.

Enquanto propostas de solução diante do panorama averiguado, está a necessidade de produzir processos de formação sobre o tema e posteriormente realizar uma reavaliação do grau de aceitação utilizando o instrumento composto na pesquisa como ferramenta. Diante dos dados

apresentados, principalmente relativos à ausência da citação de Skinner como um autor que contribui para a educação, indica-se um possível desconhecimento de sua obra. Porém há pontos de concordância interessantes em algumas categorias, o que indica que apesar do desconhecimento da obra, seus apontamentos são pertinentes. Ou seja, talvez a exposição adequada de sua teoria produza valores diferentes em outras categorias, visto que a proposta educacional de Skinner poderia ser apreciada de maneira mais ampla.

Outra perspectiva para investigar os equívocos está presente no artigo de Azoubel e Abbud (2017), no qual os autores investigam de que maneira os conceitos analítico-comportamentais e do Behaviorismo Radical são disseminados em um veículo midiático de grande circulação (*Revista Veja*). Tendo especificidades interessantes, como a composição textual voltada a um caráter mais jornalístico e um público-alvo heterogêneo ou pouco especializado na área, este trabalho traz elementos novos para possíveis discussões.

Realizando uma seleção das 67 ocorrências relativas aos termos “Skinner”, “Análise do Comportamento” e “Behaviorismo Radical”, identificadas no acervo digital da revista, produziu-se uma amostra de 12 trechos para uma análise crítica. Foram utilizados como critério para triagem desses conteúdos quatro critérios de exclusão: a) exclusão de ocorrências repetidas; b) eliminação de trechos que faziam menção a homônimos de sobrenome “Skinner”; c) trechos que faziam citações diretas às falas do próprio B. F Skinner; d) trechos de entrevistas concedidas por B. F. Skinner à revista. Nessa amostra, 11 itens continham incompreensões históricas ou conceituais (duas categorias definidas para analisar os dados selecionados) acerca da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical, sendo que no caso da Análise do Comportamento todos os trechos faziam um uso no sentido leigo, ou seja, sem vincular este termo a uma ciência do comportamento baseada no Behaviorismo Radical. Além disso, o termo “behaviorismo” surgiu uma vez para se referir a Watson, duas vezes de maneira genérica sem referência a nenhum autor e todas as outras vezes relacionado ao nome de Skinner.

A partir das categorias de incompreensões históricas ou incompreensões conceituais, os trechos foram sendo categorizados e analisados individualmente. Nesta etapa o autor apresentou argumentos, incluindo referências, justificando em que pontos os jornalistas incorriam em erros na forma de redação dos artigos. Primeiramente apresentou ponderações históricas, incluindo afirmações que definiam Chomsky como sendo o responsável por derrubar a teoria skinneriana do ensino de linguagem, ou asserções que apontavam a alcunha de psicanalista a Skinner e que houve uma reavaliação das teorias devido a excessos cometidos

em experimentos com uma de suas filhas (fato negado pela mesma, apesar dos boatos falsos espalhados por anos). Posteriormente, discorreu sobre apontamentos que expunham conceitos de forma distorcida, demonstrando desconhecimentos-chaves nas propostas skinnerianas, tanto em âmbitos experimentais como educacionais. A primeira incidência ocorreu em 1973 e durante a coleta de dados houve a identificação de duas entrevistas do próprio autor para a revista, ou seja, oportunidades de comunicação direta por meio deste veículo de comunicação. Tais fatos demonstram que este problema não é recente e que há uma carência de medidas eficientes para publicações mais acuradas, evidenciando desconhecimento de materiais de qualidade produzidos pela própria revista.

Diante disso os autores resgatam sugestões voltadas ao ensino trazidas por Morris (1985), como a elaboração de cursos e palestras, neste caso para o público que produz textos jornalísticos e de mídia. Além disso, salienta o desenvolvimento crescente das mídias sociais, que permitem uma divulgação mais democrática desses conhecimentos, podendo ajudar os analistas do comportamento a romper os muros acadêmicos e acessar o público geral. Incentivar não só a produção de artigos científicos em periódicos especializados, mas em revistas de divulgação científica, apresentação em congressos de Psicologia em geral e em outros meios de comunicação, como a televisão, jornais, etc. Outra estratégia seria usar os próprios conhecimentos analíticos-comportamentais para investigar as contingências selecionadoras e mantenedoras dessas incompreensões, visando estruturar técnicas e procedimentos de ensino adequados para resolução dessa questão. Por fim, alerta sobre os pontos referentes ao linguajar técnico e da possível necessidade de ajustes para permitir um acesso efetivo àqueles que não são especialistas na área.

Mais recentemente, tendo como principal base os trabalhos de Gioia (2001) e Carrara (2005), encontra-se uma nova análise de livros-textos utilizados na formação de Psicologia (VELHO, 2017). Tomando as categorias elaboradas por Carrara (2005) como instrumento metodológico, este trabalho visou identificar em que medida estes textos discorriam sobre a Análise do Comportamento e/ou sobre o Behaviorismo Radical.

Foram escolhidas 7 obras para escrutínio, mediante a observação das ementas de disciplinas do curso de Psicologia em universidades públicas e particulares do Rio de Janeiro. Em sua maioria se tratava de livros introdutórios ou de História da Psicologia, incluindo uma coletânea sobre grandes autores da Psicologia. Como procedimento principal foi utilizado um processo básico de organização (GIOIA, 2001), para que em seguida as obras fossem analisadas

minuciosamente e, caso identificado um equívoco, este pudesse ser qualificado mediante a categoria pertinente (CARRARA, 2005).

Todas as obras analisadas, exceto uma, incorreram diretamente em pelo menos um trecho equivocadamente sobre o referencial analítico-comportamental, contabilizando ao final pelo menos um exemplo em cada eixo temático utilizado como instrumento metodológico. Todavia, a análise de uma obra em particular trouxe uma importante contribuição para a proposta inicial, referente ao livro da coletânea “Os Pensadores – Pavlov/Skinner” (1983). Apesar do texto diretamente não possuir erros ou equívocos em sua redação, considerando que ele foi produzido baseado em recortes das obras originais dos autores, a maneira como esta seleção foi realizada pode induzir interpretações enviesadas. Ao não deixar claro para o leitor em quais momentos a apresentação dos conceitos utiliza mais de uma obra, ou que algumas definições passaram por reestruturações históricas, aumenta-se a probabilidade de um aprendiz iniciante responder de forma equivocada a esses conteúdos. Ou seja, apesar de não existir nenhum trecho redigido com erro, o processo de organização da obra em si se apresenta equivocadamente, contribuindo para um ensino inconsistente da Análise do Comportamento.

Mediante essa análise, que grifa um problema latente nos materiais didáticos que promovem o ensino do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento, se inclui o papel dos próprios analistas do comportamento nessa transmissão de conhecimento. Ao abordar uma discussão presente em Moreira (2004) sobre *saber sobre* e o *saber como*, faz-se um alerta para o excessivo enfoque dado aos saberes declarativos (*saber sobre*) e do repertório ligado a eles, eclipsando o *saber como* (operacional). Esse desbalanceamento vinculado ao ensino poderia explicar por que, ao mesmo tempo em que analistas do comportamento reproduzem informações corretas descritivamente não conseguem instrumentalizar ações práticas que operacionalizem isso. Ou seja, caso a produção do ensino não escape de um caráter apenas discursivo sobre o tema, parece inviável que repertórios operacionais sejam construídos.

É evidente a robustez dos trabalhos que investigam as questões relacionadas às incompreensões, mitos e equívocos acerca da Análise do Comportamento, porém o agrupamento desses dados produzem discussões que em sua maioria propõem soluções genéricas. Independente do ângulo de análise ou estratégica metodológica, sistematicamente se constrói uma constante identificação e alertas quanto a determinados tópicos sem que se note qualquer variação. Ou seja, aquilo que foi apresentado como um ponto latente de erro na década de 70 emerge novamente nos estudos mais recentes dos anos 2010.

Esse panorama é alarmante da perspectiva acadêmica, visto que apesar das incessantes referências a remodelações de ensino pela maioria dos autores, o impacto real de mudança não se apresenta. Diante de tantos dados empíricos e possíveis norteadores, seriam esperados indicativos mínimos de melhora na literatura recente, porém o desempenho apresentado nas pesquisas se mostra constante, tanto em quantidade como em qualidade. Há assim uma manutenção da taxa de erros perante o referencial e eles se encontram nas mesmas temáticas historicamente apontadas.

CONCLUSÕES

A crítica que se volta ao behaviorismo e ao comportamentalismo, como apresentada anteriormente, permeia esta área historicamente desde o seu surgimento no início do século XX (WATSON, 1913). Independente de novos avanços ou reformulações teóricas, como o desenvolvimento do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento (SKINNER, 1938; 2003), ainda se sustentou uma posição hostil e acirrada perante este referencial. Tal fato ao longo das décadas passou a ser tratado sob um olhar criterioso da investigação científica, principalmente porque as experiências particulares ou do senso comum demonstravam que havia uma assimetria entre as justificativas dessa aversão e críticas, em relação aos escritos e práticas da área.

Sustentado pelo cenário apresentado sobre as exposições e interpretações equivocadas da Análise do Comportamento, pode-se sintetizar alguns tópicos ao se cruzar as análises produzidas. Esta elaboração visa contribuir com hipóteses que permitam preencher as lacunas ou inconsistências identificadas na literatura, pois apesar de reiterar discussões sobre a necessidade de melhores manejos educacionais e de ensino sobre a área comportamental, parecem não avançar na produção de detalhamentos que permitam a construção de caminhos que modifiquem o cenário apresentado. Sendo assim, a presente discussão tem objetivo de orientar novos rumos possíveis, a reestruturação dos caminhos atuais ou a retomada de caminhos antigos que possam ter sido abandonados precipitadamente.

Os artigos voltados a análises discursivas em sua maioria advogam pelo argumento da problemática de uma linguagem comportamental pouco voltada ao acesso de novos ouvintes, tanto pela existência de nomenclaturas específicas como pela sinonímia de termos com o cotidiano. Metade dos textos analisados centralizam sua pesquisa nesse tópico, e de maneira geral a literatura discursiva ou empírica cita esse fator, seja na discussão ou na introdução dos trabalhos. Diante disso, surpreende que nenhuma grande alteração seja percebida na construção teórica em Análise do Comportamento ou do Behaviorismo Radical, afinal os conceitos básicos seguem com seus termos praticamente inalterados e com suas definições complexas mantidas. Tal fato se ilustra ao aproximar o artigo de Deitz e Arrington (1983) e Guimarães (2003), que mesmos separados por duas décadas de publicação registram no vocabulário comportamental um terreno fértil para promoção de interpretações equivocadas, insistindo em soluções que mencionam um refinamento no processo de ensino dessa linguagem, incluindo possíveis ajustes para facilitar o diálogo.

Sendo assim, algumas hipóteses podem ser elaboradas utilizando a análise produzida das literaturas de equívocos. Primeiramente, um fator constantemente salientado é da existência de uma dificuldade comunicativa por parte da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical, fruto principalmente dessa sua linguagem. Esse entrave ocorre internamente entre os próprios analistas e externamente, seja com uma audiência leiga ou mesmo de outros psicólogos. Isso permite a sugestão de que professores, mesmo que analistas do comportamento, possam apresentar uma insensibilidade a este fator, pois ao estarem imersos nessa linguagem que lhes é familiar tendem a desconsiderar os ajustes necessários para novos aprendizes. Ou seja, o vocabulário analítico-comportamental é apontado como um dificultador no processo de ensino e promotor de interpretações equivocadas, todavia parece não ser uma variável analisada de forma pormenorizada a ponto de acrescentar possibilidades de instrumentalização para mudanças.

Ainda tratando da linguagem comportamental, é possível apontar uma outra hipótese, desta vez vinculada ao apego do uso não operacionalizado de termos técnicos, principalmente durante o ensino. Esta situação pode estar vinculada aos planejamentos tradicionalmente utilizados pelos professores, visto que o foco central estaria em ensinar esse linguajar (topografias verbais) tal qual ele foi aprendido pelo docente. Todavia um modelo voltado aos conteúdos, e apenas a sua topografia, é por si só equivocado do ponto de vista analítico-comportamental, pois está se abandonando o caráter funcional do planejamento de ensino-aprendizagem. Como apresentado anteriormente, a perspectiva comportamental aborda o ensino como sendo um trabalho voltado aos operantes em relação aos conceitos selecionados (“o que faz quem sabe Análise do Comportamento ou Behaviorismo Radical?”), logo, o uso irrestrito de linguagem técnica como objetivo central pode perder de vista essa relação funcional do comportamento verbal em questão.

Esses apontamentos críticos e reflexivos dialogam de forma interessante com o artigo de Morse e Bruns (1983). Neste artigo se discute a possível relação de contingências impostas à linguagem comportamental diante de um ambiente centrado em construções linguísticas de cunho mentalista. Neste sentido, realizam uma discussão voltada aos problemas de tentar sustentar um arcabouço teórico específico da Análise do Comportamento, dentro de uma comunidade verbal que diverge dessa perspectiva em sua base. Ao apontar como esta comunidade verbal eclética, e majoritariamente mentalista, produz situações ambientais que desfavoreçam a compreensão dos termos analíticos-comportamentais, os autores tentam

estruturar uma argumentação que utilize o próprio referencial da Análise do Comportamento para explicar e solucionar essa questão.

Valendo-se de conceitos como o do controle pela audiência, reforçamento diferencial e em âmbito geral, de uma análise funcional da questão, estabelece-se que diante de um cenário pouco fértil de reforçadores para uma linguagem comportamental se faz necessário a elaboração de novos ambientes estruturados para isso. Diante disso, buscam colocar em prática a criação de um “Behavior Science Research Group”, vinculado a universidade e que teria três etapas de aplicação, com quatro objetivos centrais e dois adicionais. Ou seja, buscam solucionar este problema com as ferramentas analítico-comportamentais.

Sendo assim, tal qual como Morse e Burns (1983), a hipótese do presente trabalho não visa abolir, recriminar ou substituir completamente o uso dos termos técnicos, porém salientar de que maneira isso é feito. Entende-se que há uma função conceitual, experimental e até política de demarcação por meio de um arcabouço verbal da Análise do Comportamento. Todavia é necessário que todas as contingências atreladas a estes termos sejam apresentadas, para que haja de fato um aprendizado com compreensão, já que a mera exposição de suas topografias produz condições de ensino insuficientes. Apesar disso, e a despeito da literatura de equívocos e mitos apontar para uma reincidência da problemática relativa ao vocabulário comportamental, apenas o livro de Rodrigues (2011) *Mitos e discordâncias – Análise de relatos de ex-analistas do comportamento* cita o trabalho de Morse e Burns (1983).

Este ponto relativo às citações levanta uma discussão interessante, que pode sinalizar outras hipóteses para a manutenção dos equívocos identificados pelas literaturas discursivas ou empíricas. Conjecturando sobre essa ausência de referência a determinados trabalhos se pode explanar duas possibilidades principais: 1- que os analistas do comportamento não leem trabalhos de outros analistas que produzam sobre outras temáticas; 2 – que os analistas do comportamento podem até ler outros analistas, mas apesar disso não há uma instrumentalização que produza uma ponte entre estas áreas diferentes do próprio conhecimento comportamental. Apesar de não ser o objetivo central deste trabalho esgotar os determinantes dessa questão, pode-se ao menos identificar as consequências que ambas as hipóteses produzem no âmbito dos equívocos e na sua relação com o ensino. Ao demonstrar essa falta de diálogo e correlação dentro da própria área comportamental, abre-se brecha para o desconhecimento de práticas eficientes que planejem o ensino dos seus próprios conceitos, culminando em um ambiente fértil para a produção de equívocos. Além disso, pode reduzir a probabilidade de publicações

voltadas a exposição dessas práticas de ensino, algo notado ao longo da busca bibliográfica do presente trabalho (MEDEIROS, 1997), já que o direcionamento principal das publicações parece apontar em outras vertentes. Ou seja, ao deixar de ampliar seus horizontes de leituras os analistas do comportamento estariam abandonando dados importantes e contribuindo para fatores que deturpam o processo de ensino-aprendizagem de seu próprio referencial.

Esse tópico apresenta uma possível correlação com outra discussão na literatura discursiva, relacionada a aparente ausência de produções recentes nessa perspectiva, afinal o último texto selecionado desta categoria possui mais de uma década (DA CRUZ, 2010). Esta sinalização demonstra um certo enfraquecimento de enfoques teóricos, privilegiando assim os enfoques empíricos, tendo em vista a publicação de obras como: Rodrigues, (2011); Pacca, (2013); Azoubel e Abbud, (2017); Velho, (2017). Sendo assim, a hipótese de que há um desconhecimento ou abandono de determinados modelos de pesquisa ganha força, fazendo com que a proposta de trabalho desta dissertação seja relevante também no sentido de demarcar o valor metodológico de uma pesquisa analítico conceitual.

Partindo para uma análise dos artigos empíricos, identifica-se duas estratégias principais para investigar a questão dos equívocos, más compreensões, mitos ou discordâncias acerca do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento. Estas estratégias são baseadas em: a) instrumentos constituídos por questionários conceituais acerca do tema ou b) análise dos conceitos presentes em livros ou trabalhos que tratem sobre Análise do Comportamento ou Behaviorismo Radical.

Dentre as 14 obras selecionadas para análise no presente trabalho, a maioria (9 obras), utilizava-se de questionários com assertivas sobre conteúdos de Análise do Comportamento, variando de itens literais retirado de obras originais ou compostos pelos autores tomando estas obras como referência, em escala likert ou verdadeiro/falso e em uma população de estudantes de graduação em Psicologia. Esses instrumentos radiografam um exame do objeto de pesquisa e ajudam a construir diagnósticos que apontam onde estão localizados os tópicos problemáticos. Isso produz um mapeamento pautado nos dados coletados empiricamente, todavia a mera identificação parece possuir limites no impacto diante de uma mudança desse quadro. Um exemplo disso se apresenta na replicação de algumas pesquisas, que apesar de possuírem quase duas décadas de intervalo encontraram resultados semelhantes (DE BELL e HARLESS 1992; LAMAL 1995; ARNTZEN, LOKKE e EILERTSEN, 2010). É evidente que os grupos experimentais foram diferentes, e as ferramentas aplicadas possuíram alguns ajustes, porém

essencialmente investigaram o mesmo fenômeno, diante de uma mesma proposta metodológica e em uma população de estudantes de Psicologia. Ou seja, caso houvesse intervenções contundentes na área em um lapso temporal tão grande, seria minimamente identificável uma alteração nos padrões de respostas.

Já o outro ramo de investigação das incompreensões foi o de inspeção e análise de conceitos presente em materiais confeccionados para a Psicologia sobre Análise do Comportamento e Behaviorismo Radical. A literatura aponta que um importante fator, possivelmente o mais relevante, da produção de más compreensões é a existência de livros-textos com afirmações incompatíveis sobre os conceitos básicos da área (GIOIA, 2001; VELHO, 2017). Ou seja, a bibliografia que está vinculada ao ensino dessa área, ou que serve de introdução a ela, está em si equivocada promovendo um ciclo vicioso de erros que tendem a ser continuados.

Essas duas formas empíricas de abordar a questão, apesar de diferentes, possuem uma perspectiva complementar bastante latente. Afinal há uma recorrente identificação pelas pesquisas de que os alunos possuem lacunas de conhecimento do tema, ou reproduzem mitos em diversos pontos da teoria, e ao mesmo tempo uma análise de textos didáticos demonstra inconsistências na qualidade das informações fornecidas. Todavia o potencial dessa correlação é bem pouco explorado, mesmo que de forma discursiva ou por meio de revisões bibliográficas, o que retoma as hipóteses anteriormente descritas sobre os analistas do comportamento serem pouco atentos ao horizonte de publicações da própria área comportamental.

Outro modelo de abordagem empírica interessante, porém destoante dentro da bibliografia selecionada, foi o uso de entrevistas com ex-analistas do comportamento proposto por Rodrigues (2011). Tal estratégia se mostrou tão pouco usual que seus dados sustentaram uma nova perspectiva dentro da temática, apresentando uma dimensão relativa às discordâncias. Diante de respostas acuradas perante o referencial estudado (Behaviorismo Radical e Análise do Comportamento), o ponto central não estava mais em concepções errôneas apresentadas pelos participantes, mas em uma posição crítica que resultava naquilo que foi definido como discordância. Esse tópico se alinha às ponderações de autocrítica realizadas pelos próprios analistas do comportamento, como Carrara (2005), que sinalizaram a pertinência de uma série de críticas devido a forma como a comunidade acadêmica da área muitas vezes se porta. Sendo assim, uma proposta metodológica diferenciada na tradição de pesquisa do tema trouxe luz para

novos determinantes, e permitiu aproximações com outras hipóteses anteriormente aventadas na literatura, o que salienta a necessidade de cuidado com questões metodológicas.

Seguindo as possibilidades de correlação existentes, demarca-se a forma como as literaturas discursivas e empíricas dialogam entre si. Majoritariamente os autores das obras mais recentes fazem referência aos trabalhos anteriores, seja para embasar análises empíricas com subsídios discursivos ou vice-versa, fato que sedimenta as investigações destacando esse campo de conhecimento enquanto objeto relevante de estudo. Essa característica normalmente é identificada nas sessões introdutórias, o que demonstra um cuidado com a revisão bibliográfica na apresentação do tema. Além disso, nos principais trabalhos (empíricos e discursivos) a discussão busca trazer laços com a literatura, os autores produzem revisões que resgatam sugestões ou hipóteses buscando articular isso com os próprios dados. Esse fator é interessante, pois a experimentação empírica é um dos pilares analíticos-comportamentais, porém a base filosófica também. Sendo assim, pesquisas que analisam seus dados utilizando critérios estatísticos, vinculadas ao desempenho de participantes ou identificando pontos de problema, precisam de uma discussão teórica sólida com outros trabalhos da mesma temática para ampliar seu alcance.

Todavia, principalmente se tratando das pesquisas empíricas, nota-se uma ausência dessa base conceitual (literatura discursiva) na elaboração das escalas ou instrumentos de análise, ou seja, não fica claro se a bibliografia introdutória e de discussão serviu também de subsídio para os critérios metodológicos. Apesar de utilizar a literatura analítico-comportamental de grandes autores, seria válido não só pautar a construção dos instrumentos nas bases teóricas clássicas, mas também em obras que já analisaram essa temática de equívocos. Outro ponto é que também se identifica a ausência da própria literatura empírica já existente na elaboração dos procedimentos de pesquisa, salvaguardando os artigos que são replicações diretas de outros autores. A retificação desse tópico poderia reduzir a confecção de itens pouco eficientes, direcionar a inserção mais qualificada de outros itens, permitir melhores ajustes e inclusive a testagem de novas estratégias metodológicas.

Esses exemplos, tanto da literatura discursiva como da literatura empírica, alertam para um panorama preocupante relacionado às implicações dessa produção acadêmica. Apesar dos sistemáticos esforços para delimitar uma área de investigação coesa, que produza dados qualificados e análises pertinentes à construção do conhecimento, o presente trabalho ao elaborar um resgate histórico e analítico dessas bibliografias acaba encontrando pouco impacto

prático. Tal hipótese ganha subsídios pela própria reedição de pesquisas com a temática de equívocos e incompreensões que confirmam constatações de décadas anteriores, sem que durante esse tempo haja a produção de intervenções norteadas pela literatura anterior. Em linhas gerais, ratifica-se o mesmo problema por diversos ângulos, porém não há apropriação desses dados para instrumentalização de projetos que alterem esse cenário, principalmente dentro da dimensão do ensino que é constantemente apontada como solução.

Essa ausência de modificação no panorama investigado, onde temas idênticos com críticas filosóficas, metodológicas ou práticas infundadas se repetem ao longo das décadas, fica latente com os dados produzidos nas décadas de 70 e 80 sendo replicados ou verificados novamente nos anos 2000. Isso indica uma circularidade que denuncia falhas no processo de exposição e manejo desses temas, sendo contraposto por experiências escassas que apliquem ou demonstrem práticas eficientes no ensino de conceitos comportamentais (MEDEIROS, 1997). Nesse trabalho, constituído por um relato de experiência, temos um excelente uso das ferramentas teórico-metodológicas da Análise do Comportamento para construir um planejamento de ensino em uma disciplina de análise experimental do comportamento para uma turma de graduação em Psicologia. Todavia, a busca por elaborações semelhantes voltadas ao ensino de Análise do Comportamento ou do Behaviorismo Radical, não devolve resultados na literatura, o que surpreende advindo de um referencial teórico que prima por construções educacionais em diversas esferas (VARGAS; AUSTIN; SOEDA, 2009; CARMO, 2012; JUNIOR e PERALTA, 2015; FLORES, 2017) e possui bases filosóficas sólidas nesse sentido (SKINNER, 1972; HUBNER e MARINOTTI, 2004).

Apesar dessa gama de investigações e sugestões de resolução ao longo das obras aqui analisadas, incluindo o alerta para a formação, não há diretamente menção ou vinculação aos modelos educacionais da própria Análise do Comportamento. Há produção de discussões dos equívocos, da necessidade de maior exposição aos conteúdos originais e de disciplinas na grade curricular, porém nenhum autor advoga diretamente pelo uso de planejamentos de ensino comportamentais ou sugere que a não utilização dele possa ser um dos fatores que contribua para o problema. Somado a escassez de bibliografias que tragam a luz da comunidade acadêmica planejamentos comportamentais para o ensino dos conceitos da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical, faltam subsídios para definir a melhor estratégia a ser adotada. Ou seja, a ausência de pesquisas que comparem planejamentos de ensino dificulta a proposição de modelos que reduzam a produção equívocos ou más compreensões, ou ainda, a ausência de pesquisas sobre equívoco com correlações bem definidas ao ensino dificulta

inclusive a identificação de qual frente se deve abordar. Porque atualmente a literatura apresenta poucas (ou nenhuma) pistas concretas se o melhor caminho de combate aos equívocos está somente em um ensino adequado dos conceitos, ou passa também por simples desconstruções dos equívocos/mitos, ou além, se há necessidade de um ataque direto aos produtores dos equívocos e mitificações. Existe ao longo da literatura sugestões de que todas essas frentes sejam executadas, porém sem dados empíricos diretos que apresentem modelos ou prioridades.

Indubitavelmente o panorama do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento não é idêntico ao de cinco décadas atrás, havendo ampliações imensas no espectro de pesquisas e temáticas investigadas. Sendo assim, a identificação desses determinantes, pautada nas análises da literatura de equívocos, visa produzir uma denúncia ao trazer a dimensão do ensino para a discussão. Há um vasto e qualificado acervo sobre os equívocos, mitos e más compreensões, porém caso se perpetue o modelo vigente onde essas produções ficam descoladas de um compromisso com uma instrumentalização de ensino, pode-se reeditar os problemas que estas próprias pesquisas identificam. Apesar dos trabalhos produzidos até aqui possuírem uma importância inegável, os elementos que eles trazem sinalizam a possibilidade (ou necessidade) de uma nova tradição de pesquisa na área. Caberia a esta nova estratégia utilizar os dados extremamente férteis sobre equívocos para construção de instruções que promovam um impacto real no campo de ensino, o qual a própria literatura sugere ser o principal caminho para mudanças.

A centralidade demarcada na dimensão do ensino é fundamental, pois inequivocamente ela estará presente, seja diretamente como nos determinantes aventados na introdução ou indiretamente em certos processos de propagação dos equívocos (WANG, PEREIRA, ANDERY, 2016; AZOUBEL, ABBUD, 2017). Mesmo que alguns determinantes que propaguem os equívocos não estejam diretamente na educação (mídias de grande circulação, cultura pop, etc.), a ausência de crivo e identificação dos erros nestes conteúdos por parte daqueles que estão se formando em Psicologia, já é em si problemático. Principalmente porque a falta dessas competências e habilidades comprometem as possibilidades de instrumentalização da própria dimensão de ensino, ainda que os analistas não possuam exclusividade sobre ela.

Estas lacunas de aprendizado podem estar vinculadas a outro determinante que aponta para uma construção deliberada de um projeto educacional obscurantista, que se sustenta na manutenção de uma aversão generalizada, incluindo a produção de mitos e alcunhas

equivocadas daquilo que é considerado oposição (MORSCHBACHER, 2019). Neste ponto, evidenciasse que a responsabilidade sobre ensinar estes conteúdos muitas vezes escapa do próprio analista do comportamento, seja por uma grade institucional que o afasta das disciplinas específicas da Psicologia ou por estes temas serem disseminados indiscriminadamente em outras áreas (Pedagogia, Ciências Sociais, Administração, etc.). Tais fatos inserem mais desafios, pois mesmo que diminuam em parte a culpa dos analistas, por não serem eles diretamente os responsáveis pelo ensino inadequado, impõem variáveis aversivas ao assunto e geram uma necessidade constante de atenção a audiência que se fala.

Diante dessa escassez de soluções pragmáticas apresentada nos textos sobre equívocos, abre-se uma brecha não apenas para a proposição de novos projetos aplicados, mas também para que estas propostas possam ser também qualificadas. Tal qualificação poderia acontecer em um modelo de planejamento de ensino onde um dos fatores a serem considerados é exatamente a historiografia da literatura que sinaliza erros ou equívocos sistemáticos. É fundamental que haja uma decomposição dos conteúdos, uma organização gradual de apresentação deles e todas as etapas que se compreendem necessárias para um planejamento de ensino analítico-comportamental, todavia, cada etapa dessas pode ser subsidiada com informações bastante pertinentes por essa sistematização de erros. Afinal, um dos pressupostos de ensino para Skinner (SKINNER, 1972) está centrado na aprendizagem sem erros, logo, se é recorrente uma série de equívocos na história da psicologia sobre determinado tema — registrado na literatura da área — utilizar-se disso no processo de ensino tende a evitar uma construção errônea em seu início.

REFERÊNCIAS

- ARDILA, R. J. B. Watson, a psicologia experimental e o condutismo 100 anos depois. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 312-319, 2013. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2013.7938>
- ARNTZEN, E.; LOKKE, J.; LOKKE, G.; EILERTSEN, D. On Misconceptions about Behavior Analysis Among University Students and Teachers. **The Psychological Record**. v. 60, n. 2, p. 325-336, 2010.
- AZOUBEL, M. S.; ABBUD, G. M. (Im)Posturas Jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner. **Temas em Psicologia**. v. 25, n. 1, p. 181-192, 2017.
- BARBOSA, J. I. C.; BORBA, A. O surgimento das terapias cognitivo-comportamentais e suas consequências para o desenvolvimento de uma abordagem clínica analítico-comportamental dos eventos privados. **Teoria Comportamento e Cognição**. São Paulo, v. 12, n. 1-2, p. 15-142, 2010.
- BANACO R. A. Podemos nos beneficiar das descobertas da ciência do comportamento? *In*: R. A. Banaco (org.), **Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva**. Santo André: Arbytes, 1997, posfácio, p. 543-555.
- BROWN, F. J.; DUNCAN, G. The ‘Strange Death’ of Radical Behaviorismo. **The Psychologist**. v. 28, n. 1, p. 24-27, 2015.
- CÂNDIDO, G. V., Introdução da Análise do Comportamento no Brasil: a Cadeira de Psicologia de Rio Claro (1962-1963). **Revista Perspectivas**. São Paulo, v. 08, n. 01, p. 135-143, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18761/PAC.2016.027>
- CARPIGANI, B. Behaviorismo: o primeiro grande avanço na história da Psicologia e seus ecos na atualidade. *In*: CARPIGANI, B. **Psicologia – Das raízes aos movimentos contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. cap. 5, p. 71-88.
- CARMO, J.S. **Contribuições da análise do comportamento à prática educacional**. CARMO J. S e RIBEIRO M. J. F. X (orgs.). 1a ed. Santo André: ESETec Editores Associados, 2012.
- CARRARA, K. **Behaviorismo Radical: Crítica e metacrítica**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- DA CRUZ, R. N. Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do Behaviorismo Radical. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v. 30, n. 3, p. 478-491, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300004>.
- DE SÁ, C. P.; SOARES, J. C.; VIZZONI, E.; VIALE, M. S.; CASTRO, R. V. O status acadêmico do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner no Estado do Rio de Janeiro. **Fórum** 4/84. p. 21-44, 1984.
- DE SOUZA, D. G. O Conceito de contingência: um enfoque histórico. **Temas em Psicologia da SBP**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 125-136, 2000. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000200002
Acesso em: 26/04/2021.

DEITZ, S. M.; ARRINGTON, R. L. Factors Confusing Language Use in the Analysis of Behavior. **Behaviorism**. Cambridge, v. 11, n. 2, p. 117-132, 1983. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27759023> . Acesso em: 22/07/2019.

DEBELL, C. S.; HARLESS, D. K. B.F. Skinner: Myth and Misperceptions. **Teaching of Psychology**, Minnesota, v.19, n. 2, p. 68-74, Apr, 1992. DOI: https://doi.org/10.1207/s15328023top1902_1.

DUBNO, P.; HILLBURN, D.; ROBINSON, G.; SANDLER, D.; TRANI, J.; WEINGARTEN, E. An Attitude toward Behavior Modification Scale. **Behavior Therapy**. v. 9, s.n, p. 99-108, 1978.

FOXX, R. M. Translating the Covenant: The Behavior Analyst as Ambassador and Translator. **The Behavior Analyst**. v. 10, n. 2, p. 147-161, 1996.

FLORES, E. F. Análise do Comportamento: Contribuições para a Psicologia Escolar. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 115-127, 2017.

FRANÇA, A. C. C. A análise comportamental aplicada à educação: um caso de deturpação do pensamento de B. F. Skinner. **Psí. da Ed**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 115-124, 1997.

GIOIA, P. S. **A abordagem behaviorista radical transmitida pelo livro de psicologia direcionado à formação de professores**. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GUIMARÃES, R. P. Deixando o preconceito de lado e entendendo o Behaviorismo Radical. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 60-67, 2003.

HUBNER, M. M. C. **Análise do Comportamento para a Educação: Contribuições Recentes**. HUBNER, M. M. C.; MARINOTTI, M. (orgs.). 1ed. Santo André: ESETec Editores Associados, 2004.

JUNIOR, J. L.; PERALTA, D. A. Formação de professores e Análise do Comportamento: Caracterização de Necessidades Formativas para a Docência em Matemática na Educação Básica. **Temas em Psicologia**. v. 23, n. 1, p. 69-81, 2015.

LAMAL, P. A. College Students' Misconceptions About Behavior Analysis. **SAGE journals**. v. 22, n. 3, p. 177-180, 1995.

LAURENTI, C; LOPES, C. E. Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In: LAURENTI, C; LOPES, C. E; ARAÚJO, S. F. (orgs). **Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos**. São Paulo: Hogrefe CETEPP, 2016, cap. 2, p. 41-69.

MacCORQUODALE, K. On Chomsky review of Skinner's verbal behavior. **Journal of the experimental analysis of behavior**. v. 13, n. 1, p. 83-99, 1970.

MARX, M. H.; HILLIX, W. A. **Sistemas e Teorias em Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cultrix., 1973.

MASSOLA, G. M.; CROCHÍK, J. L.; SVARTMAN, B. P. A psicologia como ciência empírica. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 27, n. 3, p. 379-394, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420162703>

MATOS, M. A. Com o que o behaviorista radical trabalha. *In*: Banaco, R. A. (org.), **Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista**. Santo André: Arbytes, 1997, cap. 6, p.45-33.

MEDEIROS, J. G. Relato de uma experiência de ensinar: construindo a relação entre teoria e prática. **Temas em Psicologia**. Santa Catarina, n. 1, p. 7-22, 1997.

MICHELETTO, N. Bases filosóficas do Behaviorismo radical. *In*: Banaco, R. A. (org.), **Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista**. Santo André: Arbytes, 1997, cap. 5, p. 29-44.

MORSCHBACHER, M. Ciência e educação escolar em tempos de obscurantismo. **Cadernos GPOSSHE On-line**. Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 112-129, 2019.

MOREIRA, M. B. “Em casa de ferreiro, espeto de pau”: o ensino da Análise Experimental do Comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 73-80, 2004. DOI: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v6i1.67>.

MORRIS, E. K. Public Information, Dissemination and Behavior Analysis. **The Behavior Analyst**. Kansas, v. 8, n. 1, p. 95-110, Apr, 1985, DOI: <https://doi.org/10.1007/BF03391916>.

MORSE, L. A.; BRUNS, B. J. Nurturing Behavioral Repertoires Within a Nonsupportive Environment. **The Behavior Analyst**. v. 6, n. 1, p. 19-25, 1983.

MUSGROVE, W. J. A Scale to Measure Attitudes Toward Behavior Modification. **Psychology in the school**. v. 11, n. 4, 392-396, 1974.

NETO, M. B. C. Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise experimental do comportamento. **Interação em Psicologia**. Curitiba, v. 6, n. 1, p. 13-18, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v6i1.3188>.

OLIVEIRA, I. T.; SOLIGO, A.; OLIVEIRA, S. F.; ANGELUCCI, B. Formação em Psicologia no Brasil: Aspectos Históricos e Desafios Contemporâneos. **Psicologia: Ensino & Formação**. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 3-15, Jan/Jun, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21826/2179-5800201781315>.

PACCA, F. C. **Investigação de conhecimento teórico: aceitação/rejeição ao Behaviorismo Radical entre professores**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista de Marília, Marília, 2013.

PERON, S.; NOGUEIRA, E.; CÂNDIDO, G. V.; MASSIMI, M. Luiz Marcellino de Oliveira: um protagonista da psicologia brasileira: organização de acervo documental e análise histórica. **Memorandum**. Belo Horizonte, v. 29, s.n, p. 86-111, Out, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6472>. Acesso em: 11 jun. 2020.

RODRIGUES, M. E. Algumas concepções de profissionais de educação sobre Behaviorismo. *In*: KERBANY, R. R.; WIELENSKA, R. C. (orgs.). **Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 4. Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação**. Santo André: Arbytes, 1999, cap. 27, p. 240-250.

RODRIGUES, M. E. Behaviorismo: mitos, discordâncias, conceitos e preconceitos. **Educare et Educare**. Cascavel. v. 1, n. 2, p. 141-164, 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/262/190> Acesso em: 15 ago. 2020.

RODRIGUES, M. E. **Mitos e discordâncias** - Análises de relatos de ex-analistas do comportamento. 1. ed. Santo André: ESE Tec Editores Associados., 2011.

SANTOS, A. M.; ANACHE, A. A.; SANTANA, R. C. Overview of Brazilian Scientific Production in Psychological Evaluation. **Psico-USF**. Bragança Paulista, v. 20, n. 3, p. 547-559, set/dez. 2015, DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200315>.

SKINNER, B. F. **The Behavior of Organisms**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1938.

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

SKINNER, B. F. **Tecnologia do Ensino**. São Paulo: Editora da USP, 1972.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Tradução de João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOARES, A. R. A psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 30, n. esp., p. 8-41, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500002>.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed., 2008.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed., 2010.

STERNBERG, R. J.; STERNBERG, K. **Psicologia Cognitiva**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed., 2017.

TODOROV, J. C. A Evolução do Conceito de Operante. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 18, n. 2, p. 123-127, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200002>.

TODOROV, J. C.; HANNA, E. S. Análise do Comportamento no Brasil. **Psicologia: Teoria e pesquisa**. Brasília, v. 26, n. esp., p. 143-153, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500013>

TOURINHO, E. Z. Estudos conceituais na análise do comportamento. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 213-222, 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000300003. Acesso em: 23 out. 2020.

TOURINHO, E. Z. Notas sobre o Behaviorismo de ontem e de hoje. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 186-194, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000100022>.

VARGAS, J. S.; AUSTIN, J. L.; SOEDA, J. M. Effective Teaching, Effective Living: A Review of Behavior Analysis for Effective Teaching. **Behavior Analysis in Practice**. v. 2, n. 2, p. 63-68, 2009.

VELASCO, S. M.; GARCIA-MIJARES, M; TOMANARI, G. Y. Fundamentos Metodológicos da Pesquisa em Análise Experimental do Comportamento. **Psicologia e pesquisa**. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 150-155, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul 2021.

VELHO, M. A. S. **O processo de transmissão da Análise do Comportamento e Behaviorismo Radical na graduação em Psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso não publicado (Bacharelado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

VILELA, A. M. J., História da Psicologia no Brasil: Uma narrativa por meio do seu ensino. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Rio de Janeiro, v. 32, n. esp., p. 28-43, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>.

WANG, M. L.; PEREIRA, M. E. M.; ANDERY, M. A. Mídia, comportamento e cultura. **Revista Perspectivas**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 147-164, 2016.

WATSON, J. B. Psychology as the Behaviorist Views it. **Psychological Review**, v. 20, n. 2, 1913.

WOOLFOLK, A. E.; WOOLFOLK, R. L; WILSON, G. T. A Rose by Any Other Name...: Labeling Bias and Attitudes Toward Behavior Modification. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**. v. 45, n. 2, p. 184-191, 1977.

YOUSEF, J. M. S. Arabic Students' Understanding of Skinner's Radical Behaviorism. **Psychological Reports**. v. 71, s.n, 51-56, 1992.